

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 87, 2.º

Endereço Telegrafico: DINGA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0871, 2 0872 e 2 0873

Endereço telegrafico: DINGA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

A INGLATERRA DE LUTO

A figura de Jorge V á luz dos factos historicos que ilustraram os 25 anos do seu reinado

A morte não é uma figura desconhecida perante o direito constitucional que lhe reconhece a existencia, lhe rende homenagens e lhe acata as fataes decisões. — «Rei morto, rei posto» — diz o povo, traduzindo, porventura inconscientemente, um preceito juridico — no capitulo das «continuidades da soberania».

A tal respeito a Inglaterra exprime modelarmente a fragilidade do rei na perenidade do poder.

Não ha um abalo, uma hesitação ou desconfiança no que ha a fazer, quando a corôa rola da cabeça que a cingiu para a cabeça que a vai cingir: rainha Vitoria, Eduardo VII, George V... E agora? O sucessor está já indicado, pela lei, pela tradição e pela vontade do povo: Eduardo VIII. A variação, sendo tentadora e espectacular, obedece a uma das grandes leis da vida — perpetuar e renovar.

O rei de amanhã será igual ao de hoje e ao de ontem, com uma ligeira diferença biologica e social — a afirmação pessoal do seu valor. Costuma-se dizer que, em Inglaterra, a realza é um simbolo — qualquer coisa que «representa», mas não intervem no curso dos acontecimentos, prevendo-os, provocando-os e governando-os. Efectivamente tem lá havido reis mais passivos que as lagens de Westminster.

Outros, porém, — e estes compreendem melhor o seu papel dinamico e criador — não se têm limitado a observar a consti-

tuição fielmente, rigidamente, por entenderem que cabe nas suas atribuições acompanhar a vida e o progresso.

Eduardo VII, por exemplo, abriu direcções novas á politica britânica e á europeia. Enquanto os cegos teimavam em orientar-se de encontro a um muro insuperavel, ele tirou-lhes as cataratas e indicou-lhes o caminho:

— «Afastai-vos dos homens que se vestem de aço e discursam como tontos».

A guerra de 1914 deu-lhe razão, visto que á sua clara intelligencia do futuro não escapou a derrocada e renascimento que dela sairiam. George V colocou-se resolutamente dentro da mesma linha de provisões e realizações.

A lição de seu pai foi-lhe compendio de acção real e diplomatica. Nunca se enganou, quando se tratava de acertar a corôa com a nação. E para além das fronteiras jámais se enganou ao colocar a Inglaterra entre as normas morais do dever e as sugestões barbaras da força.

Quando era necessario escolher, não tergiversava, pois preferia ser justo e não praticar a violencia, mesmo com a certeza do triunfo. A exacta significação do seu reinado resume-se nisto — engrandeceu o seu país não para brutalizar, mas para servir a razão contra a injustiça.

Eduardo VII morreu em 6 de maio de 1910. No dia seguinte, seu filho era proclamado rei com o nome de Jorge V. Durante vinte e cinco anos, o monarca, agora falecido, exerceu as suas funções de soberano do maior imperio do mundo, com uma escrupulosa atenção e um sentido exacto das suas pesadas responsabilidades. O rei, representante da nação no que ela tem de continuo e de eterno, era o simbolo vivo da unidade da maior comunidade humana que a historia regista. Irresponsavel, nos termos da Constituição, o rei da Inglaterra não é inutil, pois desempenha, efectivamente, um grande papel nos assuntos de politica interna e externa.

A sua acção, nem por ser pouco visivel, é inefficaz. Os limites dessa acção não aparecem fixados por qualquer texto legal; por iso ela se exerce sempre, com tacto e moderação, no sentido do bem publico e da grandeza nacional. Compreendido assim o exercicio do poder real, Jorge V deve considerar-se um grande soberano na terra que, vindo nascer o parlamentarismo e sabendo conciliar os principios da liberdade e da autoridade, criou os quadros de um regime que pode servir de exemplo ao mundo.

Jorge V era o filho segundo do rei Eduardo. Usava o titulo de duque de York, e pela morte de seu irmão, o duque de Clarence, ocorrida em janeiro de 1892, appareceu como herdeiro do trono inglés.

A sua educação fôra inteiramente dirigida por um pai providente e experimentado. O primeiro preceptor que lhe foi dado, John Dalton, fizera uma excelente carreira universitaria e possuía as qualidades de caracter exigidas para um modelo de principes. Quando se tratou de fazer entrar estes numa escola, a velha rainha Vitoria indicou o collegio de Wellington; mas Eduardo VII impôs a sua vontade, e mandou os filhos para a Escola Naval de Dartmouth, onde ambos se conservaram até 1879.

Eduardo VII visitava-os, com frequencia, no navio-escola «Britania», onde faziam a sua aprendizagem de officiais de marinha; logo que esta foi

dada por concluida, embarcou-os no «Bacchante» para uma viagem á volta do mundo. O futuro rei Jorge V iniciava, assim, as suas visitas demoradas

a todos os cantos do imperio, que acabou por conhecer minuciosamente.

Embarcado, pela primeira vez, em Portsmouth, em 1879, o então duque

de York só regressou a Inglaterra um ano depois, com o posto de midship. Mas em julho de 1880 iniciava, com seu irmão, um novo cruzeiro, que devia durar dois anos, tendo visitado a Australia, o Japão, o Egipto, a Terra Santa e a Grecia.

As viagens depois prosseguiram, com pequenos intervalos, durante os quais o principe Jorge procurou familiarizar-se com o francês e com o alemão. Eduardo VII, que era um poliglota no tavel, obrigou-o mesmo a frequentar uma escola de Lausanne, para esse efeito, mas sem grande resultado. Foi aproveitando as lições dolorosas deste aprendizado, que Jorge V encarregou em 1912 um fidalgo francês, o marquês de Breteuil, de ensinar sua lingua do actual principe de Gales com a indicação expressa de que, com a prática de gramatica francesa, ele lhe devia ensinar os usos e costumes da melhor sociedade parisiense.

Num dos intervalos das suas prolongadas viagens, o principe Jorge caiu gravemente doente; quando entrou em convalescença annunciaram-lhe o proximo casamento do irmão com aquela que depois havia de ser sua esposa, a princesa Mary de Teck. O casamento anunciado com o duque de Clarence não chegou a realizar-se por este ter falecido no começo de 1892. A familia real foi passar o periodo de luto para Eastbourne. Terminado esse periodo, tornou-se necessario dar uma esposa ao novo herdeiro da corôa e a princesa Mary appareceu os olhos de todos como a mais digna de desposar o duque de York. O casamento realizou-se em julho de 1893. A ele assistiu o herdeiro da corôa imperial russa, o futuro Nicolau II. Pela primeira vez toda a gente pôde verificar a extraordinaria semelhança fisica entre os dois homens que tão importante papel deviam depois desempenhar na Europa.

(Ver continuação na pagina central)



O rei Jorge V, generalissimo do Exercito inglés

Diário de Lisboa
de hoje é de 16 paginas

TEATROS E CINEMAS

"A Bicha de Rablar", no Avenida

O acontecimento teatral da presente semana, espectáculo que o publico aguarda já com o mais vivo interesse, porque se lhe afigura ser engraçado, provocante á gargalhada, vai ter lugar no Avenida, com a estreia, pela companhia Maria Matos, da quarta peça da sua temporada, um original português de Felix Bermudes, Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, a comedia, em 3 actos, de recorte burguês, «A Bicha de rabiar», que se apresenta entre cenários de Reynaldo Martins, encenação de Maria Matos e os interiores cuidados por Samwell Diniz. «A Bicha de rabiar», cuja acção se passa em Lisboa, na actualidade, com figuras curiosas, algumas delas de feição comica, vai representar-se com a seguinte distribuição:

«Ofelia Baeta», Maria Matos; «Mariana», Laura Fernandes; «Mercedes», Georgina Cordeiro; «Milóca», Adelina Campos; «Belmira», Miquelina Rodrigues; «Jujú», Tina Costa; «Tina», Lucia Mariani; «Joana», Maria de Oliveira; «Policarpo Baeta», Assis Pacheco; «Raul de Castro», Samwell Diniz; «Domingos de Moraes», Antonio Palma; «Felizardo Roque», Gil Ferreira; «Julinho», Francisco Costa; «Pereira», José Monteiro; «Matoso», José Moraes; «Reis», Manuel Leren e «Freitas», Hermano Rio.

Os pescadores da Nazaré no Nacional

E' um acontecimento. Ranchos de pescadores e peixeiros da Nazaré chegaram hoje a Lisboa em camionetas, que á tarde pararam junto á porta do Nacional, para assistir á representação da peça de Alfredo Cortez—«Tá Mar», que é um estudo admiravel de observação sobre a vida da gente do litoral.

No fim do espectáculo, hoje, subirão ao palco e exhibir-se-ão nas suas danças tão características e movimentadas. Grande noite, pois, a de hoje, no nosso primeiro teatro.

Titta Ruffo

Conforme noticiámos, o grande barítono Titta Ruffo, por ordem dos seus medicos assistentes, já poderá realizar dentro de dias o seu anunciado concerto, que é aguardado com verdadeiro interesse.

A empresa do teatro do Gimnasio, no intuito de não proceder a novos adiamentos, anunciará por estes dias a data definitiva do grande acontecimento artistico.

Atrás do reposteiro

No teatro Rivoli, do Porto, depois do Carnaval, representar-se-á a revista do Coliseu, «Ultima Maravilha», seguindo-se uma temporada de opera lirica, com alguns concertos pelas orquestras sinfonicas de Madrid e de Paris.

Chegou ante-ontem a Lisboa o empresario Mario Pedro, de regresso do Porto, onde está tratando do remonte, no Sá da Bandeira, da revista «Sardinha Assada».

Estão-se realizando varias negociações para a efectivação de interessantes espectáculos de Carnaval em Lisboa, num dos nossos teatros mais concorridos.

— Não será a actriz Enita Correia que irá substituir a sua colega Julietta Valença no elenco novo do Sá da Bandeira.

— Faz hoje anos o empresario do Politeama, sr. Luiz Pereira.

— Não é verdade que se tenham levantado quaisquer embaraços á representação em Portugal da peça de Oduvaldo Viana, «Amor», cujos direitos de representação pertencem ao empresario José Loureiro.

— Pede-nos o artista Mendonça de Carvalho, gerente do teatro Avenida, que digamos que nada ha que atize o programa de exploração estabelecido pela empresa Maria Matos que, de acordo com o seu amigo sr. José Loureiro, se manterá até meados do proximo verão, já com bastantes compromissos tomados.

— Mestre Antonio Pinheiro está já marcando os três actos do «vaudeville», «Mademoiselle Nitouche», que com cenários de Sousa Mendes, a companhia Maria das Neves representará no Maria Vitoria, esta temporada.

— Completa depois de amanhã, terminando nessa noite a sua carreira, no Avenida, 30 representações, a farsa das gargalhadas «Feira da Ladra», que hoje se repete.

— Dois notáveis espectáculos se realizam no Variedades, ás 20 e 30 e 23 horas, ambos com a gloriosa opereta popular, «Coração de Alfama», em pleno triunfo neste teatro.

— «Anima-te... Zé!», a mais celebre revista popular representada em Lisboa, repete-se hoje para duas novas enchentes, no Maria Vitoria, ás 20 e 45 e 22 e 45 horas.

— A actual companhia do Carlos Alberto representará ainda, neste teatro, a seguir a «Porto na rua», a opereta «A vida dos gatos», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

— Foi fixada para 30 do corrente a estreia, no Apolo, da revista «Ha festa na Mouraria», do Lourenço Rodrigues e Carvalho Mourão, cujos ensaios vão já muito adiantados.

— Com a peça de Oscar Wilde, «Uma mulher sem importancia» realiza-se hoje, no Gimnasio, a festa artistica do actor Luiz de Campos, elemento distinto da companhia Lucilla Simões-Erico Braga.

— A actriz Irene Izidro foi convidada por um grupo de senhoras da alta sociedade do Porto para dirigir os ensaios do poema de uma revista que será representada por amadores.

— A pedido do publico, exibem-se hoje, mais uma vez, no Olimpia Club, os notáveis bailarinos Moura and Carrys.

— Por ter feito ontem treze anos a nossa mais jovem cantadeira Arminda Vida, os seus admiradores, accorrendo aos milhares ás duas sessões do Coliseu, manifestaram-lhe o seu apreço, enviando-lhe lindos ramos de rosas e camélias.

"Noite do Pecado", no Tivoli

Uma obra de King Vidor, dado o talento deste realizador, exerce sempre sobre o pu-

blico uma total fascinação. «Noite do Pecado» é uma lição convincente de cinematografia. A grandeza da tecnica, perfeita, iguala em absoluto o entredo sobrio, directo, tratado sem a horrivel enfase de mau gosto que por vezes o «écran» acusa. O filme é um conflito de paixão, notavel pela simplicidade dos processos e ao mesmo tempo pela intensidade psicologica, das almas.

«Noite do Pecado» é a história dum escritor que, arruinado e em impotencia criadora, se refugia no campo, onde se apaixona por uma rapariguinha. O seu amor corresponde a uma verdadeira ressurreição espiritual. Volta as costas ao mundo, entregando-se á factura dum romance que é, afinal, o seu «caso».

As cenas são duma grande beleza. Vão duma emoção límpida, fresca, alegre, até ao mais cruecamente da dor e do sacrificio. A rapariguinha, que é uma polaca, obrigada a casar-se com um dos da sua raça, morre amortalhada no seu virginal vestido de noiva, coração immaculado.

A obra tem a marca genial de King Vidor, que consegue renovar um assunto, tratando-o nos mais planos de sensibilidade.

O poeta das imagens consegue fazer trabalhar as personagens de tal maneira, que julgamos ouvir o bater doloroso do seu coração.

Ana Stein, voluptuosa, perturbante, alto potencial dramatico, representa admiravelmente. E' tão sincera nas suas lagrimas, como nos beijos que se adivinham subir á superficie dos labios numa tentação de amor casto. Cria os grandes siléncios preenchidos de vida interior.

Gary Cooper é perfeito, sobrio, magistral, mas denso de emoção.

«Noite do Pecado» é um tudo romance de amor vivido, que nos apaixona como se fosse o nosso. Ha que louvar a empresa do Tivoli pelos dois jornais de actualidades que apresenta.

Esperamos que mantenha o numero, mesmo em detrimento de outros complementos, que nem sempre interessam. — A. P.

A estreia de hoje, no São Luis

O S. Luiz, este ano, não cessa de nos maravilhar! Depois da série brilhantissima que nos tem apresentado; de «Sequoias», esse espectáculo de encantamento, que foi forçado a retirar, em pleno exito—dá-nos hoje um filme musical de Van Dyke, a primeira opereta que o famoso realizador de «Sombas Brancas» e de «Os noivos de Mary» dirige, e que é um mimo de musicalidade e de sonho.

Toda a obra ressumta aquela originalidade que é a sua característica dominante, e a graça e leveza, que imprime a todos os seus filmes.

A imponencia da montagem, o esplendor e a riqueza da encenação—não pesam na «facilidade» com que ele nos conta a deliciosa história de amor, que o filme nos relata, ao som das mais belas canções.

E, depois, a «Princesa Endiabrada» tem dois interpretes admiráveis: Jeanette MacDonald e

Nelson Eddy. Ela a inesquecível interprete da «Viuva Alegre». Ele, a maior revelação lirica da temporada, um barítono e um galã, que vai empalgar os homens e conquistar as mulheres.

Em resumo: «A Princesa Endiabrada» é um espectáculo de agrado certo, que vai levar, ao S. Luiz, enorme concorrência!

O conflito italo-etíope

Nova mobilização geral na Abissínia

ADDIS-ABEBA, 21.—Foi publicado um decreto que manda fazer nova mobilização em toda a Etiópia.—(Havas).

Um comunicado de Roma sobre os ultimos combates no sul

ROMA, 21.—O ministerio da Guerra anuncia que nos combates travados nos ultimos dias, no sul da Etiópia, entre as forças italianas e as etíopes, estas tiveram mais de 1.100 baixas entre mortos e feridos. Acrescenta o mesmo comunicado que as forças de Roma prosseguem triunfalmente no seu avanço e devem dentro de poucos dias alcançar as cidades etíopes de Harrar e Diré Duá.—(United Press).

Vai dar-se o encontro decisivo entre italianos e etíopes?

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

ADDIS-ABEBA, 21.—(Via Eastern).—Parece confirmar-se a noticia de que vai dar-se a grande batalha decisiva entre as tropas etíopes e as forças invasoras no norte da Abissínia. Atribui-se este facto á nova ordem de mobilização que foi proclamada nas ruas de Addis-Abeba, com o cerimonial vulgar.—(Reuter).

Um carro da Cruz Vermelha caiu num precipício

ADDIS-ABEBA, 21.—A direcção da Cruz Vermelha informa por telegrama de Bebre Birham que um camião da Cruz Vermelha caiu num precipício de uma montanha entre aquela cidade e Dessié, tendo morrido o «chauffeur» e ficado completamente destruído o carro.—(United Press).

No Estoril

O concerto e jantar de gala marcados para hoje

Por motivo do falecimento do Rei de Inglaterra, não se realizam hoje, no Estoril, o concerto e jantar de gala marcados respectivamente para o Casino e para o Palacio-Hotel.

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

Teatro Nacional
Telefone 2 0379
HOJE — ás 9 e 3/4 — HOJE
O grande e inigualavel exito
t á Mar
Assistem os pescadores da Nazaré, que no final cantam as suas canções
Quinta-feira, recita do autor
Eduardo Schwalbach
A Historia da Carochinha

VARIEDADES
DUAS SESSÕES
8,30 e 11 horas
Coração de Alfama
A opereta triunfante!
O espectáculo do momento!

OLIMPIA CLUB
HOJE GRANDE BAILE DE MASCARAS
A pedido, mais uma exhibição dos bailarinos MOURA and CARRYS

Gimnasio HOJE
A's 9 e 1/2
Recita do actor Luiz de Campos
A notavel peça de OSCAR WILDE
Uma mulher sem importancia
Grande criação de LUCILLA SIMÕES. Magnifico desempenho de toda a companhia LUCILLA SIMÕES-ERICO BRAGA
SEXTA-FEIRA, 24:
Estreia do original português
A Embaixatriz dos "Sovietes"

ATÉ QUINTA FEIRA, no
AVENIDA
Ultimas da farsa das gargalhadas
FEIRA DA LADRA
que hoje regista 27 espectáculos
6.ª FEIRA: Estreia da comedia original de Felix Bermudes, Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa
A Bicha de Rabiar

TIVOLI TELEF. 43151
A noite do Pecado
um filme de King Vidor
com Gary Cooper e Anna Sten
A's 21 e 30
CENTRAL Telef. 2 4381
A Filha de Madame Angot
linda musica, num desempenho magnifico de André Bauge, Aquista-poce, Moniquela, etc.
A's 21 e 30

ODEON Telef. 2 6283 ULTIMA
O Rapaz da Garagem
A's 21 e 15 com Franziska Gaal e Hans Jaray
PALACIO
O homem que reclamou a cabeça
A's 21 e 30 com Claude Rains e Joan Bennett
Telef. 7163

TERRASSE Folies Bergères
A's 21 e 15 Tel. 2 0917 Meio milhão e uma noiva

LYS Telef. 4 8560
Folies Bergère
A's 21 e 15 Nascida para o mal

ROYAL O Wagon Vermelho
A's 21 e 15
Telef. 4 5037 Eu fui uma espiã

S. LUIZ A Princesa Endiabrada
com Jeannette MacDonald e Nelson Eddy
A's 21 e 30

CONDES TELEF. 2 2523
Vespera de combate
com Annabella, Victor Francen e Signoret
A's 21 e 15

POLITEAMA Telef. 2 6305
A Gran-Duquesa e o Creado
comedia musical com Bing Crosby e Kitty Carlisle
A's 21 e 30

PARIS Tel. 2 8777
Os noivos de Mary
A vida é o dia de hoje

CAPITOLIO
A's 21
Preços populares
Quadrilha de Amor
Proibida a passagem

JARDIM CINEMA
A's 20 e 45
Quinta-feira: Maria Luiza Luta Sensacional

Barbosa & Costa L.^{da}
Grandioso sortido de carpetes nacionais e estrangeiras das melhores qualidades e do mais fino gosto, a preços convidativos.
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

A Cidade

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 5
Telef. 22071
Soirée das 21 às 2 horas
Solo de viola por
Alfredo Costa
Maria do Carmo e Julio Proença

Charles Oulmont dá-nos

uma imagem das personalidades
de Debussy e Chopin

Encontra-se ha dias em Portugal—e a convite do Secretariado da Propaganda Nacional—o sr. Charles Oulmont, que além de escritor e critico de arte é tambem musico e conferencista de valor.

Realizou ali duas conferencias, a primeira das quais sobre Debussy e a segunda versando sobre Chopin et les Femmes. Estas conferencias, que mais se podem chamar palestras—pois não tiveram a revestida do ar fastidioso das erudições rebuscadas nem dos falsos pretensiosismos—deram-nos alguns traços das personalidades artisticas destes dois compositores celebres. As imagens largas, feitas a pinceladas vigorosas pela palavra facil de Charles Oulmont, desvendaram-nos pontos da psicologia do compositor de L'Apres-Midi d'une Faune e de La Cathedrale Engloutie—e todo o caracter romantico, profundamente vincado pela grandeza do sentimento, sobriedade e expressão do estilo de Frederic François Chopin, appareceu nitido e bem marcado, perante as numerosas pessoas que escutavam atentas Charles Oulmont, mestre na arte de bem-dizer e bem conversar.

Debussy surgiu-nos em factos intimos, e o ambiente que o grande musico criava para as suas obras mostrou-nos que toda a sua musica, foi uma serie de ruidos, de timbres, de manchas sonoras, e que todo o impressionismo que nessa epoca reinava em França, teve na musica de Debussy consequencia e consistencia.

Para exemplificar isto, executou ao piano Arabesque, Clair de Lune, e um trecho inedito da opera Pelleas e Melisande. E citando uma frase de Debussy, terminou a sua palestra sobre este compositor.

A conferencia de ontem fez reviver Chopin.

A sua alma apaixonada e romantica de musico delicado e doente agitou-se, pairou sobre todos nós, roçando-nos ao de leve, tocando-nos com a emoção superior dum sentimento sublime.

Charles Oulmont relevou-nos esse poeta do piano que foi Frederic François Chopin, e deu-nos com todo o seu poder de expressão, a personalidade deste musico e compositor.

As suas fatidicas polonaises, os seus nostalgicos nocturnos, os seus riquissimos estudos, valsas, sonatas e tudo o que constitui o repertorio deste compositor romantico de alma e coração veio até nós, esteve connosco durante algum tempo, evocado e tocado por Charles Oulmont, que nos fez ouvir varias composições de Chopin, entre elas:—La Valse de l'Adieu.—E com uma magnifica mazurca terminou a sua palestra, tendo recebido imensos aplausos, justos e merecidissimos.

MARIA TEREZA DE FREITAS

Dr. Indiveri Colucci

Sifilis, reumatismo, gota, clíptica e outras diateses artríticas, doenças das senhoras, de pele e nervosas.
Tratamento exclusivamente pelos agentes fisicos.

Consultorio Fisioterapico

Rua C. João Gonçalves, 20 (Intendente)

O CRUZEIRO AEREO A'S COLONIAS

As recepções aos tripulantes

nas cidades francesas e belgas

e a intoxicação dalguns officiais e mecanicos

Os oito aviões militares comandados pelo sr. coronel Cifka Duarte aterraram ante-ontem em Vila Teixeira de Sousa, na fronteira de Angola com o Congo Belga, depois de percorrer os 300 quilometros que a separam de Vila Luso.

Na carta que de Fort Lamy nos enviou em 1 do corrente e que publicamos a 15, escrevia o sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca:

«Estes aviões em que estamos voando são aviões militares, preparados para missões de duas horas, sem conforto algum, como tudo o que é militar. E', pois, difficil voar cinco horas seguidas neles com um «parebrise» pequeno que não protege e com escape livre que nos envenena».

Os telegramas de Vila Teixeira de Sousa chegados a Lisboa acentuam esta lamentavel deficiencia. Diversos mecanicos e officiais que iam nos lugares dos observadores—que são os de trás—chegaram áquella localidade intoxicados pelos gases saídos dos escapes, e só se restabeleceram depois de tratados, apesar da «etape» ter sido curtissima.

A proxima tirada prevista—Vila Teixeira de Sousa-Elizabethville (Congo Belga)—é de 600 quilometros.

Uma carta de Ribeiro da Fonseca

Do tenente-coronel Ribeiro da Fonseca recebemos hoje a seguinte carta:

LEOPOLDVILLE, 8.—Meus caros amigos: Na segunda carta que lhes escrevi, disse-lhes que acabavamos de atravessar a A. O. F. De Fort Lamy seguimos para Fort Archambault, no dia 2 de janeiro, chegando lá com três horas de viagem.

«De lá seguimos no dia 3 para Bangui, levando três horas e meia.

«Começa a floresta equatorial. Um cerrado interminavel de grandes arvores com pantanos por baixo, em geral.

De espaço a espaço ha cortes na floresta, apresentando uma estreita faixa, onde um avião não se pode aproximar do chão, pois se partirá contra as arvores. Mas, enfim, sempre

UM ATROPELAMENTO

ARRAIÓLOS, 21.—(Pelo telefone).—Hoje, de tarde, foi atropelado na villa do Vi-meiro, no sitio denominado Ilha Fria, por um automovel guiado pelo seu proprietario, sr. Vitor Reimof, de Estremoz, um pobre homem que aparenta ter 45 anos de idade e cuja identidade se desconhece. O ferido recolheu em estado gravissimo ao hospital desta localidade.

Sonegação de espolio

Os srs. Alberto Vigarito e Justino Vigarito, moradores na rua Damasceno Monteiro, 63, rez-da-chão, queixaram-se á P. I. C. contra um seu irmão, a quem accusam de ter sonegado o espolio deixado por seu pai, recentemente falecido. Foi encarregado de proceder ás precisas diligencias o agente Eloy.

se lhe chama uma «pista de socorro».

«Em Bangui encontramos alguns portugueses, e lá passamos um dia com eles.

No dia 5 seguimos para Coquilhatville, com perto de três horas de viagem, e no dia 7 para Leopoldville, com quatro horas.

«Assim chegamos á capital do Congo Belga, depois de termos atravessado a A. E. F. (Africa Equatorial Francesa) e descido o Congo Belga.

«Defronte é Brazzaville, capital da A. E. F.

«Amanhã, se o tempo permitir, devemos seguir para Luanda.

«Por todos os postos franceses por onde passamos fomos muito bem recebidos, estando geralmente formada uma força militar com banda de musica, que nalguns sitios tocou a «Portuguesa» e a «Marselhesa».

«Nas duas pistas belgas igualmente fomos muito bem recebidos pelas autoridades civis e militares.

«Aqui em Leopoldville, em casa do governador geral, depois dum brilhante discurso em que ele se referiu em termos elogiosos, ao nosso país, tambem uma banda militar tocou o nosso hino, tocando depois a «Brabançonne».

«Ontem de tarde fomos a Brazzaville agradecer as boas recepções nos campos franceses e igualmente o governador geral fez um discurso, referindo-se a muitos nomes da nossa epopeia colonial.

«De tarde houve ali um banquete oferecido pelo nosso consul geral, o dr. Horta, ao elemento official francês.

«Hoje ha uma recepção na «Maison de France» e esperamos poderem-nos deitar cedo para amanhã seguirmos viagem.

«A avaliar pela quantidade de pretos de Angola, que aqui encontramos empunhando bandeiras portuguesas, calcula-se o barulho que amanhã irão fazer em Luanda.—Ribeiro da Fonseca».

A chegada a Elizabethville

ELIZABETHVILLE, 21.—(Via Radio-Maroni).—Os oito aviões militares portugueses aterraram normalmente, no aerodromo desta cidade.

CAMARA CORPORATIVA

Na Camara Corporativa está convocada, para amanhã, a comissão 15.ª, e para depois de amanhã as 3.ª, 4.ª e 20.ª, em conjunto. No mesmo dia, ás 15 horas, reunirá o Conselho da Presidencia, para verificação de poderes do representante das missões ultramarinas.

O novo governo

O sr. engenheiro Sebastião Garcia Ramirez teve a amabilidade de vir á nossa redacção agradecer o cuidado que sempre nos mereceu a sua acção como ministro do Commercio e Industria, pasta que abandonou ha dias, por ocasião da recomposição ministerial.

João Rolz Batalha

Por alma do sr. João Cipriano Rolz Batalha manda sua familia rezar missa de suffragio amanhã, ás 10 horas, na igreja do Sacramento.

A CHEIA DO DOURO

continua a causar prejuizos

PORTO, 21.—(Pelo telefone).—O rio Douro continua com enorme corrente, tendo as aguas invadido de novo as ruas ribeirinhas das duas margens, bem como o populoso bairro de Miragaia.

Por noticias recebidas da Regua, sabe-se que, o rio subiu ali cerca de 12 metros.

Continuam a registar-se perdas de barcas carregadas, sendo enormes os prejuizos. Cerca do meio dia, esteve imminente um grave sinistro. Foi o caso que, tendo-se desprendido as amarras de uma barca carregada de algodoão, esta, seguindo ao sabor da corrente, foi embater contra duas outras, levando-as rio abaixo.

Ao chegarem ao cais de Monchique, os barcos reventaram as fortes amarras do vapor «Silva Gouveia», o qual, com a violencia do choque, deu um esticão ao «Cabo Raso», que estava amarrado a uma enorme pedra, sua unica segurança, naquele momento, e arrancou-a, pelo que o navio ficou á mercê da corrente.

Felizmente, encontravam-se perto o vapor alemão «Vesta» e o português «Alferrade» contra os quais o «Cabo Raso» foi embater, evitando-se assim um grande desastre. O caso produziu grande panico.

As autoridades tomaram as precauções que se impõem.

CONDENAÇÃO DUM ASSASSINO

No 9.º Juizo Criminal, que funciona na rua da Emenda, foi hoje julgado em tribunal colectivo um individuo de nome João Maria da Silva, acusado de em 16 de agosto do ultimo ano, ter assassinado á cacetada, em Loures, um trabalhador chamado Francisco Emilio.

O tribunal era presidido pelo sr. dr. João Baptista Rodrigues, que tinha como adjuntos os srs. drs. Cunha Mota e Pereira do Vale.

Ouvidas 11 testemunhas de accusação e 9 de defesa, o representante do Ministerio Publico, sr. dr. Torres Paulo, fez uma accusação cerrada contra o reu, pedindo para ele o maximo da pena.

O advogado de defesa, sr. dr. José Afonso, proferiu depois um discurso brilhante, terminando por pedir para o seu constituinte condenação e prisão correccional.

O João Maria da Silva foi condenado a 3 anos de prisão maior celular, na alternativa de 4 anos e meio de degredo, mil escudos de imposto de justiça e vinte mil escudos de indemnização á familia da vitima.

Para assistir ao julgamento vieram propositadamente de Loures numerosas pessoas, que encheram por completo a sala do tribunal.

NOTICIAS DO TOREL

ENGANO DUM CAÇADOR.—O agente Verissimo, da P. I. C., entregou hoje aos seus superiores o relatório das diligencias a que procedeu em Castelo Branco por causa duma agressão a tiro de que foi vitima José Joaquim Colmeiro. Segundo a investigação policial, o sr. José Joaquim Colmeiro, foi ferido no sitio denominado Rôlo, quando andava á caça ás 5 horas da manhã de 28 de dezembro, porque outro caçador chamado José Ginja, vendo-o a distancia, o tomou por um coelho e disparou sobre ele.

AGRESSÃO MORTAL.—A sr.ª D. Evangelina da Conceição Santos, moradora na rua Latino Coelho, n.º 3, participou á P. I. C. que um seu irmão, José Fortunato dos Santos, foi ha dias agredido á paulada no lugar de Fonte Boa, em Mafra, por outro individuo chamado André Rodrigues Fernandes, da mesma localidade, vindo a falecer em 17 do corrente, por virtude dos ferimentos recebidos.

Letam ás quintas-feiras o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

São Luiz Uma estreia sensacional!

As duas melhores vedetas liricas da actualidade

JEANNETTE MACDONALD e NELSON EDDY

na maravilhosa opereta de VANDYKE

A PRINCESA ENDIABRADA

Um espectáculo encantador, que vai agradar a todos, sem excepção!

TIVOLI: GARY COOPER e ANNA STEN

Dois artistas geniais no celebre filme de King Vidor

A NOITE DO PECADO

A INGLATERRA

A morte de Jorge V causou profunda conste

O rei Eduardo VIII presta hoje juramento



O rei Jorge V da Inglaterra

(Continuação da 1.ª pagina)

A simplicidade da sua vida retirada, o seu amor da existência familiar com a mulher e os filhos eram títulos que rapidamente impuzeram o príncipe Jorge a simpatia popular. Ninguém lhe conhecera uma amante, ninguém o encontrara em festas mundanas. Um dia um jornal suspeito ousou escrever que o príncipe não observava rigorosamente as regras duma perfeita fidelidade conjugal. O príncipe Jorge dirigiu-se imediatamente aos tribunais e só abandonou a questão, quando o autor da notícia foi rigorosamente castigado.

Uma tal inovação vinha alterar profundamente a tradição de liberdade e de desenvoltura que os meios elegantes de Paris haviam apreciado no seu justo valor. Mas se é certo que entre Eduardo VII e Jorge V havia, quanto à sua vida íntima, sensíveis diferenças, em ambos se verificava o mesmo sentimento exacto da grandeza de seu cargo, e o mesmo desejo de cumprir escrupulosamente as obrigações que esse cargo impunha.

Quando Eduardo VII subiu ao trono, em 1910, depois do prolongado e felicíssimo reinado de sua mãe, o seu primeiro cuidado foi o de enviar o príncipe de Gales, numa viagem oficial, a todos os pontos do império. Embarcado no «Ophir», o futuro rei Jorge percorreu, na companhia do seu fiel amigo e perceptor Dalton, Port Said, Aden, Ceilão, Singapura, a Austrália, a Nova Zelândia, o Canadá, a Terra Nova. Mas nesta vez os dois amigos eram seguidos por uma comitiva imponente, por uma companhia de fusileiros e por uma banda militar. De 1901 a 1905 o príncipe visitou por diversas vezes o continente e especialmente a Alemanha, em cuja corte as suas qualidades eram justamente apreciadas. Quasi sempre estas visitas coincidiam com a necessidade política de esclarecer incidentes ou desfazer dúvidas suscitadas entre Londres e Berlim. O rei Eduardo, que não gostava do seu sobrinho, o imperador da Alemanha, aproveitava as aptidões diplomáticas do filho para liquidar questões levantadas e para evitar contactos directos com o kaiser, cujo feitio o irritava. O príncipe Jorge foi, assim, escolhido para desempenhar missões oficiais de certa importância, tendo assistido aos casamentos dos

kronprinz e do rei de Espanha Afonso XIII, como representante da corte inglesa.

Por esta altura, havia completado 40 anos e dava por terminada uma educação mais imperial do que europeia.

Crescera e tornara-se homem numa época em que a Inglaterra, toda entre-que a sua doutrina de esplendido isolamento, cuidava mais dos negócios do império do que das querelas suscitadas entre as potências continentais. Era, portanto, para o império e não para a Europa que se dirigiam as suas preocupações e as suas esperanças.

O quarto de século durante o qual reinou, representa uma autentica revolução para a tradição diplomática e política da Grã-Bretanha. O seu feitio pessoal e as circunstâncias excepcionais criadas à sua pátria pelos mais desconcertantes acontecimentos obrigaram-no a seguir o impulso dado à política pelos ministros responsáveis. Com o reinado de seu pai terminava a era de prosperidade industrial e do indiscutido predomínio económico; as rivalidades, que se desenhavam nesse campo presagiando os nacionalismos e os imperialismos exacerbados do nosso tempo, surgiam ameaçadoramente no Japão, nos Estados Unidos, na Alemanha. A esquadra britânica deixava de ser a rainha dos mares, ao mesmo tempo que os doutrinadores abandonavam a teoria livre cambista, e a Inglaterra, num momento doloroso da sua história, via-se pouco depois obrigada a decretar o serviço militar obrigatório, transformando assim os seus costumes e influyendo decisivamente na modificação do próprio carácter do povo.

Quando o ano passado a Inglaterra celebrou entusiasticamente os vinte e cinco anos de reinado de Jorge V, a fisionomia e a estrutura da nação encontravam-se inteiramente modificadas.

Quando Jorge V subiu ao trono, em 1910, os cabs começavam a ser substituídos pelos taxis nas ruas de Londres, e os liberais substituíam os conservadores no poder: há quatro anos. As eleições de 1906 tinham dado aquele partido uma maioria significativa nos Comuns, e os chefes instalados no governo executavam o seu programa vasto de reformas sociais. No gabinete constituído por Asquith, Lloyd George fazia a sua aparição no meio do escândalo justificado duma

aristocracia receosa e duma população inquieta. O novo ministro das finanças inglês, que o rei Eduardo considerava um demagogo avido de êxitos eleitorais, tributava fortemente as fortunas pessoais aumentando, em proporções consideráveis, o imposto sobre o rendimento.

O início do novo reinado coincidia com uma perturbação assustadora na política interna, e com uma inquietação crescente na política externa.

A Câmara dos Comuns, declarara uma guerra de morte aos Lords. A Câmara Alta estava colocada perante o dilema histórico: submeter-se ou demitir-se. As indicações do sufrágio mostravam a necessidade de reformar essa Câmara, sobretudo se esta não deixasse de exercer o direito de veto com que procurava inutilizar o esforço renovador do liberalismo britânico. Com a crise política coincidia a crise dos negócios. O comércio britânico começava a diminuir, pelo aparecimento de concorrentes perigosos. Mas o longo século de paz que a Inglaterra vinha de gozar, e que fora apenas interrompido pela guerra com os boers, quasi não deixava que aparecessem esses sintomas de declínio que só a Grande Guerra veio tornar visíveis e ameaçadores.

Quaisquer que fossem os sentimentos pessoais de Jorge V, era evidente que ele liquidaria o grave incidente suscitado entre comuns e os lords de acordo com as indicações do sufrágio, quere dizer pela nomeação, como lhe solicitava o governo, de quatrocentos novos lords que apoiassem o plano governamental de reformas.

Foi então que a acção pessoal do monarca se fez sentir. Jorge V deu aos mais categorizados elementos da Câmara Alta os conselhos de prudência e moderação que os fizeram mudar de atitude, evitando a aplicação de métodos violentos numa instituição tradicionalmente respeitada. Os ingleses, que fazem de oportunismo uma regra segura de conduta política, sentiram que mais valia um entendimento honroso do que uma luta esteril. Mas a Grã-Bretanha, quando o diferendo entre as duas Câmaras se complicou da insurreição irlandesa, esteve à beira de guerra civil. Para lhe poupar esse flagelo, contribuiu o rei com todo o peso da sua autoridade e do seu prestígio pessoal.

Interiormente as circunstâncias políticas melhoraram de maneira sensível, entre 1910 e 1914; mas externamente os sinais anunciadores da guerra acumulavam-se num horizonte enegrecido pelas rivalidades diplomáticas e pela corrida aos armamentos.

Eduardo VII havia modificado radicalmente, sob a pressão das circunstâncias, a linha de conduta tradicional da política inglesa. Fizera a Entente Cordiale, em 1914, e abandonara irremediavelmente o esplendido isolamento característico de era vitoriana. A sua amizade sincera pela França e a sua antipatia invencível pelo imperador alemão, haviam contribuído para organizar o cerco famoso que o kaiser denunciaria, quando da declaração de guerra, numa das suas cartas escritas à margem dos relatórios diplomáticos. As relações anglo-russas, um momento perturbadas pelo episódio de Dogger Bank, melhoraram logo em seguida sob o impulso do monarca britânico. Estavam assim lançadas as bases da Triple Entente, e iniciada uma solidariedade diplomática que se faria logo sentir perante as tentativas de agressão germanica de Tanger e de Agadir. A Inglaterra enveredara, resolutamente, pelo caminho do entendimento íntimo com as potências ocidentais e montava em Paris e em Roma dois dos melhores postos de observação e de acção imperial. Pouco depois de se iniciar o reinado de Jorge V, os estados maiores francês e inglês lançaram as bases d'um acordo essencial

que devia condicionar a acção dos exercitos e das armadas dos dois países para a hipótese duma ofensiva alemã. O monarca conhecia minuciosamente o verdadeiro teor e a verdadeira extensão desse sacórdos, que a França invocaria nas horas angustiosas que precederam a declaração de guerra. Como tinha também um conhecimento exacto das relações anglo-germanicas, e dos sentimentos pessoais de hostilidade que animavam seu pai e o kaiser.

Para mais Jorge V era um marinheiro, a aparecia-lhe a pretenção germanica de construir uma grande esquadra como absolutamente inconciliável com a própria grandeza e segurança do Império. O governo inglês não se dispôs, porém, a precipitar os acontecimentos; o ministro dos Estrangeiros, Lord Grey, deu mostras duma paciência e dum sangue frio incomparáveis. Mas sentia-se em Londres que o rompimento era inevitável e que, no dia em que a Alemanha tornasse efectivas as suas ameaças, nenhuma força, nem mesmo a dos banqueiros germanofilos de City, impediria uma resolução nacional no sentido da intervenção. A Inglaterra que tinha uma esquadra seria obrigada a criar um exercito. O genio militar de Kitchener salvaria, porém, a dificuldade organizando o corpo expedicionario que se devia bater heroicamente no norte da França.

São conhecidos os episódios históricos que precederam a declaração de guerra, em agosto de 1914, e aos quais anda ligado o nome do soberano falecido: correspondência trocada com o czar, resposta à carta angustiada que o presidente da Republica francesa, Poincaré lhe dirigiu solicitando os seus bons officios para realizar uma suprema tentativa a favor da paz. No gabinete britânico os criterios dividiram-se



O principe de Gales, E

RA DE LUTO

Consternação em todo o Imperio britânico

Ante as duas camaras reunidas

Se, mas as manifestações da opinião publica eram inequívocas. A corrente intervencionista acabou por prevalecer, e a invasão da Belgica foi o incidente que decidiu a entrada da Gran Bretanha na luta.

Enquanto esta durou, o monarca britânico acompanhou disseladamente a acção das suas forças militares e o sacrificio dos seus subditos. Para os ingleses ele continuava a ser o simbolo da unidade imperial e o elemento de união indestrutível que a todos igualmente obrigava. Os primeiros apêlos convidando o povo a alistarse apareciam com a sua assinatura e foram, por isso, entusiasticamente correspondidos.

Durante quatro anos Jorge V consumiu o seu tempo em visitas a hospitais e á frente de batalha onde por vezes, permanecia demoradamente. A necessidade duma unidade de comando na direcção das operações, cedo se impôs ao seu espirito; nesse sentido se exerceu a sua acção pessoal, finalmente coroada de exito pela escolha de Foch para o comando supremo dos exercitos aliados.

Terminadas as hostilidades, a face do mundo encontrava-se mudada. Não faltavam já espiritos subitís que anunciavam a decadencia fatal da Inglaterra. Nos dominios da finança, da politica, da actividade social, as excentricidades mais ousadas tomavam o passo ás doutrinas sãs e razoaveis. A dura prova da guerra consumira as melhores energias do Imperio. Mas a Inglaterra devia fazer ainda, sobre ela uma experiencia de sociabilidade atenuado que conduziu á queda da moeda á ruína da força armada e á inutilização das fontes economicas. Jorge V aceitou essa experiencia, como uma indicação clara da vontade nacional. E não é certamente dos episódios menos curiosos da existencia des-

te rei e imperador, que os chefes mais categorizados do trabalhismo, MacDonald, Snowden e Henderson tenham sido dos seus melhores e mais delicados amigos pessoais. De 1924 a 1931 o desemprego e o optimismo pacifista dominaram em Inglaterra. Acreditava-se que a fortuna privada era inexgotavel, e que o desorneamento conduziria, fatalmente, á reconciliação dos povos. Sabe-se como os acontecimentos corresponderam a estas esperanças. Em 1929 e 1930 a crise geral marcou o seu periodo agudo; em Inglaterra as repercussões da calamidade economica complicavam-se das incertezas administrativas e politicas. No dominio externo o Imperio não conseguia fixar uma regra de conduta; no dominio interno as ruínas acumularam-se.

Em 1931 constituiu-se o governo nacional da presidencia de MacDonald. A escolha deste homem publico obedeceu a uma preferencia pessoal do monarca, reconhecida e acatada. As eleições consagraram o regresso dos conservadores, o desaparecimento quasi completo dos liberaes, e a derrota dos trabalhistas.

O rotativismo parlamentar dera lugar a um periodo de combinações esteril. O bom senso da nação restaurava, intuitivamente, a formula dos dois partidos e o equilibrio das forças eleitorais.

Jorge V, que assistiu e presidiu a uma transformação essencial da vida do Imperio, acompanhou ainda a reforma, em curso, dos costumes politicos. Os homens novos conquistam vitoriosamente o seu lugar. Na ultima recomposição ministerial, Winston Churchill não conseguiu instalar-se no Almirantado; em compensação, Anthony Eden tomou conta do Foreign Office. Ninguém ignora que foi a parte moça do gabinete Baldwin que provocou essa resolução, ha tanto tempo esperada.

Durante cinquenta anos, pais e filhos confundiram-se num duelo de elegancias e de situações; mas o exercicio de poder aparecia como uma prerrogativa dos primeiros. O ano de 1935, ano do jubileu, marca a vitoria dos segundos. O pai deixou de ser um monarca de direito divino; os filhos continuam a respeitá-lo e intimamente, por vezes, a admirá-lo.

Mas não acatam, em materia politica nem as suas indicações nem as suas ordens. «Lugar aos jovens» é a ultima e a mais usada formula praticada durante o reinado de Jorge V.

Anthony Eden fez os seus estudos em Eton; o duque de Wellington afirmando que a batalha de Waterloo fôra ganha pelos alunos de Eton, mal podia supôr o alcance historico da sua afirmação. O anti-militarismo, que ainda ha dois anos dominava os circulos universitarios, deu lugar a um patriotismo reflectido e eficaz. A Inglaterra compreende que deve ocupar de novo o seu lugar, o primeiro, no concerto das Nações.

O rei morre no dia em que o ministro britânico dos Negocios Estrangeiros dá em Genebra a palavra de ordem. O mundo inteiro sabe que é da Inglaterra, ainda, que devem ser ditados os conceitos de orientação e de fé capazes de imprimir um sentido novo á ansiedade geral de paz e de colaboração.

O ressurgimento politico simbolizado pela entrada em cena do novo pessoal responsavel precede a tarefa essencial do ressurgimento militar, diplomatico, economico e social.

Jorge V, tocado pela morte, cede o seu lugar a Eduardo VIII. Continua, porém, o sentido imutavel da grandeza imperial e o desejo de paz que sempre animou a comunidade britânica.

A madrugada em Sandringham

SANDRINGHAM, 21.—(Dum envia do especial da Havas).—Uma hora de-



A rainha Mary da Inglaterra.

pois de ter sido anunciada a morte de Jorge V, apagaram-se as luzes na camara real. As janelas das outras dependencias, porém, conservaram-se iluminadas, o que dava bem nota da actividade que se desenvolvia no Castelo, sob o mais profundo silencio, por motivo do desaparecimento do rei.

Pouco depois o principe de Galles e futuro rei chamou telegraficamente o ministro do Interior, sir John Simon. Conforme a praxe, depois daquele membro do governo ter verificado oficialmente o falecimento do monarca, um arauto anunciou, num tom grave de solenidade:

—O rei morreu. Viva o rei!

Ao mesmo tempo, o Lord Maior, informado do triste acontecimento, mandou que os sinos da cidade tocassem a finados.

Por seu turno o «Foreign Office» notificou a todos os representantes diplomaticos da Inglaterra, Dominios e Colonias o passamento do soberano.

Entretanto, num salão proximo da Camara mortuaria do rei, realizou-se uma breve reunião a que assistiram o principe de Galles, alguns membros do Conselho primado, e a rainha Mary, que, não podendo dominar a dor causada pelo falecimento do seu augusto esposo, recolheu no final aos seus aposentos. Acompanhava-a a princesa Marina, duquesa de Kent, que a rodeava de carinhos e fazia altos esforços para a consolar no profundo desgosto. Uma velha servidora da familia real, ao deparar com a rainha, caiu sem sentidos.

Às duas horas da manhã cessou toda a actividade no Castelo de Sandringham e o principe de Galles recolheu aos seus aposentos.—(Havas).

Como a população de Londres

recebeu a noticia

LONDRES, 21.—Uma enorme desolação lavra por todo o imperio.

A noticia do falecimento do rei, conhecida pouco depois do triste acontecimento, pela T. S. F. e pelos placards, no meio da mais profunda emoção do povo, fez com que muita gente se conservasse até bastante tarde nas ruas, a fim de comprar as primeiras edições dos jornais. Fleet Street, a arteria onde se encontram instalados os mais importantes periodicos, apresentava de madrugada um movimento extraordinario.

Às primeiras horas da manhã, quasi todos os edificios publicos e particulares ostentavam tristemente a bandeira a meia haste.

O grande sino da catedral de S. Paulo desde as 8 horas da manhã que dobra a finados. Instintivamente, os transeuntes que passam em frente da catedral, descobrem-se.

Eram 9 horas em ponto quando começaram a troar as salvas que anunciavam oficialmente a morte do rei, em numero de setenta—tantos quantos os anos que o soberano contava. Todos os barcos de guerra ingleses que se encontram fora das suas bases devem á mesma hora, ter dado igual numero de salvas.

Os passageiros dos comboios que chegam a Londres vindos dos arredores para os seus trabalhos não ocultam a sua enorme tristeza.

Os homens trazem gravata preta e as mulheres vestem de luto.

Hoje não abrirá a Bolsa e as casas de espectaculos conservar-se-ão igualmente encerradas, o que se repetirá no dia do funeral. Não fecharão por mais tempo, apenas para não deixar sem trabalho mais de 100.000 pessoas que vivem no país desta industria.

A noticia da morte de Jorge V que era muito estimado pelo povo, causou tambem a maior consternação na alta sociedade e na aristocracia de Londres, onde as suas qualidades eram muito apreciadas.

A vida agitada de Londres parece ter cessado como por encanto, tal o silencio solene que por toda a parte se observa. O bulicio caracteristico da cidade desaparece quasi por completo, embora o movimento continue a fazer-se com intensidade. Os «autobuses» continuam a rodar e a multidão enche as ruas principais, como de costume sem que isso provoque, porém, grandes ruídos.

O povo manifesta, no seu profundo recolhimento, o desgosto sincero que lhe causou a morte do monarca.

Na provincia tambem a noticia causou a mais profunda consternação. Em todas as cidades, grandes massas de publico seguiam com interesse os «placards» luminosos. Quando estes anunciaram sobriamente o «rei morreu», o publico descobriu-se e muitas mulheres choraram.—(Havas e Reuters).

(Ver continuação na 6.ª pagina)



Eduardo Alberto

A INGLATERRA DE LUTO

O corpo de Jorge V foi depositado na igreja de Sandringham e deve seguir na quinta-feira para Londres



O corpo de Jorge V foi depositado na igreja de Sandringham, durante um dos seus numerosos cruzeiros

(Continuação da pagina central)

Os restos mortais de Jorge V foram encerrados num modesto caixão

LONDRES, 21.—Os restos mortais do rei Jorge V foram encerrados num modesto caixão de mogno e transportados para a igreja de Sandringham, onde ficarão até serem conhecidas as disposições para o funeral.—(Havas).

O corpo segue para Londres na quinta-feira proxima

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

LONDRES, 21.—(Via Eastern).—O corpo de Jorge V vai ser transportado para Londres na proxima quinta-feira, num armão militar.

As cerimoniaes funebres estão a ser cuidadosamente preparadas.—(Reuter).

Eduardo VIII parte para a capital a fim de prestar juramento

LONDRES, 21.—(Via Eastern).—O principe de Gales saiu esta manhã de avião de Sandringham para Londres, a fim de receber no Palacio de Saint James, ás 16 horas, os membros do Conselho Privado, que o proclamarão soberano.

A leitura da proclamação será feita pelo secretario do Conselho, sir Maurice Hankey, e assinada por todos os membros daquele órgão.

Segundo a tradição, logo após a redacção do texto da proclamação, o novo rei entrará na sala e pronunciará uma breve alocução. Em seguida, o novo soberano prestará juramento perante os membros do Conselho Privado, nos termos expressos na lei de 1910.

Às 18 horas devem reunir-se as Camaras dos Lordes e dos Comuns, para a cerimonia do juramento do novo rei.

Daqui a uma semana o Parlamento reúne de novo, para prestar juramento ao Corão.

A viagem do novo soberano, que, acompanhado por seu irmão, o duque de York, chegou a Hendon, ás 12 e 15, causou certa sensação, por ser a primeira vez que um rei inglês se faz transportar de avião.

Às 21 e 30, o chefe do governo, Baldwin, fará um discurso fúnebre e dirigirá uma mensagem ao Imperio britânico, que será radiodifundido.—(Reuter).

A figura popular do novo rei

LONDRES, 21.—O novo rei que sobe ao trono sob o nome de Eduardo VIII goza duma popularidade universal. O principe herdeiro do maior imperio do mundo, que ainda ontem era principe de Gales, goza duma invulgar simpatia, não só da parte dos seus compatriotas como em todos os países do mundo. Esta conquista da estima mundial, é devida sobretudo ao facto do novo rei ser um homem profundamente humano. O novo rei, desde criança, mostrou sempre ser um dos seus maio-

res desejos, conviver com os homens, como homem e não como principe, aproveitando todas as oportunidades para entrar em contacto directo com os seus compatriotas. Soldado, homem de desporto, orador, o novo soberano sente-se tão á vontade entre homens de Estado e politicos como entre a gente do povo.

O titulo do novo rei é o seguinte: «Muito Alto e Muito Poderoso Principe Eduardo, Alberto, Cristiano, Jorge, André, Patrick, David proclamado Eduardo VIII, Rei pela Graça de Deus da Gran Bretanha, da Irlanda, dos Dominios Britannicos d'Além-Mar, Defensor da Fé e Imperador da India».—(Havas).

Como foi recebida a noticia na Africa do Sul e no Canada

LONDRES, 21.—E' enorme o pesar causado pela morte de Jorge V, cujo jubileu foi o ano passado comemorado com grandiosas festas, que ficaram memoraveis.

Durante toda a noite, na Cidade do Cabo, os serviços governamentais funcionaram permanentemente, a fim de permitir seguir com a maior atenção a marcha da doença.

Os jornais publicaram em grandes letras o comunicado pessimista das 21 e 30, que provocou geral consternação.

Em Ottawa recebeu-se a noticia ás 8 da manhã (hora local). Os programas da radio foram imediatamente anulados e os espectaculos suspensos.

Todos os jornais fizeram edições especiais. O rei era muito popular no Canada.—(Havas).

A saúde do duque de Gloucester

LONDRES, 21.—(Via Eastern).—O duque de Gloucester, que tem estado doente da garganta, no Palacio de Buckingham, encontra-se um pouco melhor.—(Reuter).

Os pesames de altas individualidades

LONDRES, 21.—(Via Eastern).—Têm sido recebidos numerosos telegramas de condolencias dentre os quais se destacam os de Mussolini, Hitler, o ex-kaiser, Roosevelt, e do Papa Pio XI, que mandou colocar as bandeiras da cidade do Vaticano a meia haste.—(Reuter).

Os soberanos escandinavos assistem ao funeral

LONDRES, 21.—(Via Eastern).—Anuncia-se oficialmente que as familias reais da Noruega e da Dinamarca vêm a Londres assistir ao funeral do rei Jorge V.—(Reuter).

Negociações adiadas por motivo do falecimento

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

LONDRES, 21.—(Via Eastern).—Foram suspensas as negociações que se relacionam com a Conferencia Naval, até depois do funeral do rei.

Os dirigentes das organizações mineiras também são de opinião de que a discussão das questões pendentes entre os mineiros e os patrões não devem prosseguir, para não criar dificuldades, até que termine o luto nacional pela morte de Jorge V.—(Reuter).

A impressão no estrangeiro

Em Paris

PARIS, 21.—A noticia da morte do rei Jorge V espalhou-se rapidamente. Devido á hora tardia a que foi conhecida, os jornais não publicaram edições especiais, mas depois dos espectaculos viam-se centenas e centenas de parisienses nas salas de informação dos jornais, a ler avidamente as ultimas noticias sobre a marcha da doença do rei. O fatal desfecho impressionou muito a população franceza e sobretudo a de Paris, a quem fora dado mais uma vez aclamar a figura simpática do soberano inglês.

Os jornais da manhã trazem toda a primeira pagina ocupada com o acontecimento. Todos prestam homenagem ao soberano.

«O Petit Parisien» diz: «O desaparecimento do soberano amigo, que foi

um dos pilares da «Entente» cordial, será profundamente sentido por todos os franceses. O povo da França associa-se, de todo o coração, ao sentimento causado pela irreparavel perda que acabam de sofrer a Inglaterra e a Europa. O «Journal», como a maioria dos seus colegas, vem com uma cercadura negra, e escreve: «Perante o tumulto de Jorge V, a França não pode esquecer que ele chefiou o Imperio na luta que selou para sempre, assim o esperamos, a intima solidariedade da Gran Bretanha e da França.» O «Figaro» e «Excelsior» diz, em grandes caracteres: «Acaba de morrer um verdadeiro democrata».—(Havas).

Em Roma

ROMA, 21.—A morte de Jorge V, cuja doença era seguida hora a hora pelo povo italiano, foi conhecida com verdadeira magoa. Perante esse acontecimento, todas as contingencias politicas desaparecem, esquecendo-se a grande tensão de relações entre os dois países, tanto mais que se atribua a Jorge V a influencia moderadora, ultimamente revelada, na politica externa do seu governo.

Na corte italiana a noticia causou dolorosa impressão. O rei vai ordenar o luto regulamentar da corte e designar as individualidades que hão-de representar a Italia no funeral. Não é de crer que Vitor Manuel possa ir pessoalmente ao enterro, mas é quasi certo, que se fará representar pelo principe herdeiro Humberto de Piemonte.—(Havas).

Em Berlim

BERLIM, 21.—A morte de Jorge V é uma infelicidade nacional para a Inglaterra. A dor da nação inglesa prova-o—escreve o «Berliner Zeitung», que como todos os outros jornais alemães dá a nota da comoção com que foi recebida a noticia do falecimento do soberano britânico. Aquele jornal põe em foco a influencia exercida pelo rei nos seus 25 anos de reinado. «Foi um rei na profunda acepção do termo»—escreve ainda o órgão berlinense.

Os jornais politicos frisam que a morte de Jorge V se produz numa hora grave na historia da Inglaterra.

O «Berliner Boersen Zeitung» consagra ao novo rei Eduardo VIII os seguintes comentarios: «Tem uma pesada herança. Com a idade de 41 anos e muita experiencia, ganha por viagens e diversos casos na sua vida, Eduardo VIII pode considerar-se o representante da jovem geração, cuja importancia se torna maior, dia a dia, na Inglaterra. E' muito popular entre as massas. O jovem rei tem hoje na Gran Bretanha possibilidades infinitas».

A chancelaria da presidencia, a Chancelaria do Reich e o ministerio dos Estrangeiros puzeram as bandeiras a meia haste.

Hitler dirigiu ao rei Eduardo VIII um telegrama de condolencias, em seu nome, em nome do governo e do povo alemão. O «Fuehrer» dirigiu igualmente um telegrama á rainha. Von Neurath telegrafou a Eden.—(Havas).

Em Viena de Austria

VIENA, 21.—Foi com grande magoa que o povo viennense recebeu a noticia da morte de Jorge V. Durante toda a noite, os membros do governo e altas individualidades mantiveram-se em contacto constante com a legação da Austria em Londres. Os jornais atrazaram a hora da tiragem para poderem publicar comentarios sobre o morte do soberano.

Sem ter tido a personalidade do seu predecessor, Eduardo VII, escreve a «Neue Freie Press», Jorge V tinha, porém, um perfil proprio, um estilo particular. Com ele desaparece um rei que sempre quiz o Bem, um garante de soluções razoaveis e humanas. A Austria associa-se ao sentimento universal que causa a sua morte.

«Graças a Jorge V, escreve o «Neues Wiener Tageblatt», a Inglaterra conservou-se no que tem sido desde a grande rainha Vitoria: a mais aristocrática das democracias e o mais de-



O principe de Gales, o primeiro «gentleman» do imperio, considerado o arbitro mundial da elegancia

mocrática das aristocracias. Eduardo VIII não é um estranho para a Austria. Viena e Tirol têm testemunhos do seu interesse. A Austria espera que o principe, agora elevado á dignidade de rei, continuará a manifestar-lhe o mesmo interesse benevolente.—(Havas).

A impressão em Varsovia

VARSOVIA, 21.—A noticia da morte do rei Jorge V feriu dolorosamente a opinião publica polaca, que, com visível inquietação, acompanhava a marcha da doença do soberano inglês. O órgão officioso «Gazetta Polska» chama a Jorge V «o melhor dos reis da melhor das democracias» e consagra longos artigos á memoria do soberano defunto. «Neste momento tão difficil para a Gran Bretanha—escreve—a Polonia toma uma parte bem sincera no luto do povo inglês».

O «Kurier Poranny» escreve: «A Gran Bretanha perde um rei, grande e justo. O mundo perde nele uma personalidade de espirito e de grande caracter, personalidade que ligou o seu nome aos acontecimentos destes ultimos 20 anos, perante os quais o rei Jorge manifestou sempre grande dignidade e ponderação».

Todos os edificios publicos, embaixadas e legações têm as suas bandeiras a meia haste.—(Havas).

Em Genebra

GENEVA, 21.—Conhecida a meio da noite a noticia da morte do soberano inglês, causou em todas as delegações a mais profunda impressão. Eden e o representante da Australia, Bruce, vão partir imediatamente para Londres. Hoje não haverá as reuniões previstas, que foram adiadas para amanhã.

Laval partiu para Paris ás 10 horas, acompanhado de Rochat, seu chefe de gabinete. Assumiu a direcção da delegação franceza o embaixador Alexis Leger.

Hoje de tarde reuniu-se o Conselho da Sociedade das Nações para prestar homenagem á memoria do rei Jorge V.—(Havas).

Em Madrid

MADRID, 21.—Os jornais madrilenos dedicam grande numero de paginas ao falecimento do rei Jorge V da Inglaterra e manifestam a profunda dor do povo espanhol pela perda irreparavel do melhor e dos mais austeros e queridos reis da Europa.

O presidente da Republica, sr. Alcalá Zamora, enviou um expressivo te-

(Ver continuação na 8.ª pagina)

BOL

VAL

Fundos

Consolidado

Consolidado

Externo 3 0

3 0

Emp. 6 1/2

6 1/2

6 1/4

6 1/4

Ac

BA

Comerc. de

Lisboa & A

Portugal, p

Espírito San

C. DE

Bonança...

Fidelidade...

Mundial...

Nacional...

Sagres...

Lagos...

C. D

C. P. ordin

privi

Aguas de I

Cerveja Est

Cimentos d

Credito Pro

Gaz e Elect

Portugal e

Navegação

Portuguesa

Tabacos de

Tabaqueira

União Elec

COL

Açúcar de

Bul—1.ª

—2.ª

União de Pri

Obr

C. P. 6 0/0

Prediais 6

União Elec

Bul 9 0/0

—10 1/2 0

Henric

Corre

Telet. 2

CHEQ

Londres...

Paris...

Madrid...

New-York...

Zurich...

Roma...

Bruxelas...

Amsterda...

Berlim...

Praga...

Rio de Jan

Libra oure

A.

Ent

E

PARA

DIME

23, F

DR.

Mo

RIN

e si

BOLSA DE LISBOA

21 de Janeiro
CONTADO

VALORES	Eletuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934...	1.147\$00	1.146\$00	1.148\$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.096\$00	1.095\$00	1.097\$00
4 1/2 0/0 1933	1.016\$00	1.016\$00	1.017\$00
4 0/0 1934	951\$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Sér. ...	1.615\$00	1.614\$00	1.615\$00
3 0/0 2.ª	—	1.675\$00	—
3 0/0 3.ª	1.620\$00	1.618\$00	1.622\$00
Emp. 6 1/2 0/0 1912.....	—	2.170\$00	2.180\$00
6 1/2 0/0 1930-Cons	509\$50	509\$50	510\$00
6 3/4 0/0 1930-Portos	—	—	—
Ações			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	465\$00	478\$00
Lisboa & Agores, port.	394\$00	390\$00	—
Portugal, portador.....	—	1.101\$00	—
Espirito Santo.....	—	—	—
C.ª DE SEGUROS			
Bonança.....	—	—	—
Fidelidade.....	—	15.800\$00	—
Mundial.....	—	213\$00	215\$00
Nacional.....	—	710\$00	—
Sagres.....	—	850\$00	910\$00
Lagos.....	—	—	—
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
privilegiadas.....	10\$50	26\$00	26\$50
Agua de Lisboa, port.	—	—	315\$00
Cerveja Estrela.....	290\$00	283\$00	291\$00
Cimentos de Leiria.....	—	625\$00	660\$00
Credito Predial.....	—	—	25\$50
Gaz e Electricidade.....	334\$00	333\$50	334\$50
Portugal e Colonias.....	63\$30	63\$20	63\$40
Navegação.....	71\$00	70\$50	71\$10
Portuguesa de Pesca.....	256\$00	255\$00	257\$00
de Tabacos.....	421\$50	421\$00	422\$00
Tabacos de Portugal.....	377\$00	376\$00	378\$00
Tabaqueira.....	520\$00	518\$00	522\$00
União Electrica Portug.	233\$00	233\$00	2 9\$00
COLONIAIS			
Açúcar de Angola.....	518\$00	517\$00	519\$10
Busi — 1.ª Emissão.....	—	28\$00	29\$75
— 2.ª	—	—	—
ilha do Príncipe.....	—	215\$00	218\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0.....	409\$00	408\$00	412\$00
Prediais 6 0/0 — 1932	—	—	90\$50
7 0/0.....	121\$50	121\$00	122\$00
União Elect. Port. 7 1/2	—	131\$00	131\$50
Busi 9 0/0.....	115\$00	114\$50	115\$00
6 1/2 0/0.....	104\$00	103\$50	—

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telet. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres.....	110\$00	110\$20
Paris.....	1\$16,6	1\$16,9
Madrid.....	3\$03,9	3\$04,5
New-York.....	22\$22,2	22\$26,2
Zurich.....	7\$21,3	7\$25,7
Roma.....	1\$77,9	1\$78,1
Bruxelas.....	3\$75,8	3\$76,5
Amsterdão.....	15\$10,4	15\$13,2
Berlim.....	8\$95,0	8\$96,6
Praga.....	\$92,1	\$92,3
Rio de Janeiro.....	1\$21,7	1\$21,9
Libra ouro.....	—	—

A. B. TUGMAN

Dentista-Inglês

Operações

Jardim de Santos

Entrada: Rua S. João da Mata, 6

Tel. 2.0103

ENCERADOS

PARA VENDA E ALUGUER TODAS AS

DIMENSÕES AOS MELHORES PREÇOS

Jorge Simões

23, Rua Vitorino Damásio, 24

(ao Jardim de Santos)

TELEFONE 22268 — LISBOA

Viajantes

A bordo do «Almirante Alexandrino», embarcou esta manhã para o Rio de Janeiro o sr. dr. Mario Monteiro, convidado por intelectuais e jornalistas brasileiros. Teve uma despedida muito afectuosa por parte dos seus amigos e admiradores.

"Um serão português,"

A revista «A União», para comemorar o seu 17.º aniversário, realiza amanhã, às 22 horas, radiodifundido pela Emissora Nacional, um «serão português», para o qual foi organizado um programa a todos os títulos interessante.

Noticias de Espanha

Indivíduo morto por fascistas

MADRID, 21 — No bairro desta capital, denominado Baeta, foram presos seis jovens fascistas, num estabelecimento de bebidas, que mataram a tiro Antonio Elogio Mendes, quando este pretendia defender o socialista Afonso Garcia que estava a ser espancado por aqueles. — (United Press).

Luta entre fascistas e comunistas

FERROL, 21 — Esta manhã, um grupo de operários fascistas atacou a tiro alguns comunistas. Travou-se renhido tiroteio entre ambos os grupos de que resultou ficarem feridos varios comunistas e fascistas, que depois de devidamente pensados recolherão à cadeia. — (United Press).

Os acontecimentos de outubro de 1934

GIJON, 21. — O Conselho de Guerra condenou a prisão perpetua vinte indivíduos acusados de terem tomado parte activa nos sucessos revolucionarios registados na povoação de La Vianna, em 1934. Um funcionario civil, que tambem era acusado de ter participado nos mesmos acontecimentos, foi absolvido por se ter provado claramente a sua inculpabilidade. — (United Press).

Os «gangsters» quizeram raptar

a actriz Constança Talmadge

CHICAGO, 21. — A Policia anuncia que um grupo de «gangsters» pretendia raptar a famosa estrela cinematografica Constança Talmadge.

Quatro «gangsters» armados de pistolas metralhadoras invadiram de noite a sua casa e, mantendo em respeito as pessoas que ali se encontravam, procuraram por todos os lados a conhecida actriz, não a encontrando. Constança Talmadge havia partido dias antes para a Florida.

O Departamento de Justiça, ao ter conhecimento da tentativa de rapto, ordenou que fossem realizadas aturadas investigações a fim de serem descobertos os seus autores. — (U. P.).

ASSINOU-SE HOJE A PAZ

entre a Bolivia e o Paraguay

BUENOS AIRES, 21. — A's 17 horas será assinado, nesta cidade, o protocolo da paz estabelecida entre a Bolivia e o Paraguay. A cerimonia assistirá o presidente da Republica, general Justo, os membros do poder executivo e os delegados das potencias que participaram na Conferencia que estabeleceu a paz entre aqueles dois países. — (United Press).

GRILLY AIRWAYS, LTD.

A começar no dia 3
de Fevereiro de 1936Serviço diario de Carreiras
Aereas entre Lisboa e Londres

Partida para Londres (Todos os dias)

O automovel da Companhia parte
do Avenida Palace Hotel às 7 horas
e do Aviz Hotel às 7,10.

Chegada de Londres (Todos os dias)

Ao Aviz Hotel às 17,30 horas.

Ao Avenida Palace às 17,40 horas.

SINTRA-CROYDON EM 8 HORAS

PASSAGEM: Simples £ 18.0.0
Ida e volta . . . £ 32.0.0

Viaje, faça as suas remessas e envie a correspondencia pela via aerea

A sobretaxa para a correspondencia via aerea para Londres é de Esc. 1\$75 até 20 gramas e Esc. 1\$00 por cada 20 gramas a mais, sobre a taxa ordinaria.

Para mais informações

Casa Guilherme Graham Junior & C.º
Rua dos Fanqueiros, n.º 7

Tomás Espanhol

CABELEIREIRO DE SENHORAS

"Palácio Aviz"

Oferece durante este mês as suas maravilhosas Permanentes ao preço de 25\$00, executadas com os aparelhos mais modernos, á escolha das clientes. Colaboram nos nossos trabalhos, neste confortavel salão, dois grandes mestres da casa "Antoine de Paris". — Marcam-se horas pelo telef. 28314.

Largo do Calhariz, 17, s/l

On parle Français, Englis Spoken



CONTRA A TOSSE

SIRON

KAROE

Resultados seguros na asma, tosse convulsa e afecções pulmonares.

Temaler Werke

Abre o apetite — Não ataca a estomago — Tem bom paladar

A' venda nas principais farmacias

L. A. P. E.

Lineas Aereas Postales Españolas

Serviço diario entre Lisboa e Madrid

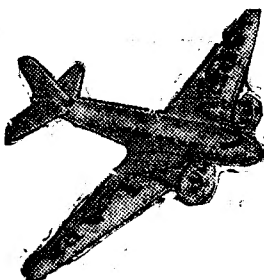
Passageiros, correio e mercadorias

Ligação com Paris e principais cidades da Europa

Serviço de Madrid para Sevilla, Barcelona, Valencia, Baleares e Canarias

Para informações, na sede provisoria

R. N. do Almada, 24, 1.º — Telef. 2 4949 — End. tel. LALAPE



DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias — Venereologia e sífilis. — T. N. de S. Domingos, 9, 1.º às 15 horas — Telefone 5205 N.

Acessorios e artigos electricos para
— AUTOMOVEIS —As melhores qualidades, por preços baixos
AVENIDA STAND L. DA57, R. Jardim do Regedor, 59
Restauradores

Telef. 2 6910

LISBOA

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º

Telef. 21738

Consultem

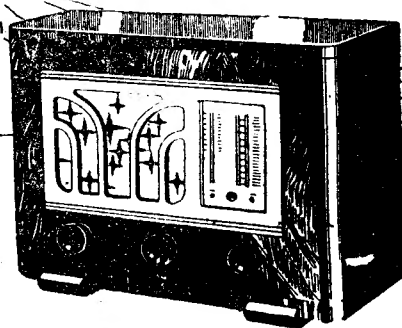
MAURICIO

para uma decoração de Arte

Rua Augusta, 240-1.º

LISBOA

Telef. 2 8229



Por Esc. 134\$00

como primeira entrega,
seja hoje mesmo radiou-
vinte com esta maravilha

PHILIPS RADIO

ZAGAL

E' DAS CARPETTES MAIS ECO-
NOMICAS E CONFORTAVEIS A
MELHOR DE TODAS.DEPOSITO GERAL:
SOCI-DADE DE TAPEÇARIAS L.ª — R. Augusta, 126-130

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS GENEROS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIS!

A MORTE DO REI JORGE V

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA E O CHEFE DO GOVERNO

estiveram esta tarde na embaixada inglesa a apresentar condolencias



O sr. dr. Oliveira Salazar á saída da embaixada inglesa, onde foi apresentar condolencias em nome do Governo português

Durante o dia de hoje, a embaixada de Inglaterra, que tem a bandeira a meia haste, foi visitadíssima por individualidades de todas as categorias sociais, que apresentaram as suas condolencias ao embaixador britânico sir Charles Wingfield.

Pelas 15 horas estiveram ali, em nome do ministro dos Negocios Estrangeiros, que se encontra em Genebra, os srs. embaixador Luiz Teixeira de Sampaio, secretário geral do Ministerio, e dr. Mendes Leal, director do protocolo.

Às 15 e 30, chegou á embaixada o sr. dr. Oliveira Salazar, acompanhado pelo sr. tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais.

O chefe do Governo, que era aguardado, ao cimo da escadaria, pelo embaixador e pelo conselheiro da embaixada, demorou-se alguns minutos em conversa com sir Charles Wingfield, manifestando-lhe o pesar de todo o Governo português, pelo falecimento de Jorge V.

Pelas 16 horas, chegou ao palacio da embaixada o sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. general Amílcar Mota, chefe da sua casa militar, e pelos seus oficiais ás ordens.

No hall, junto ao portão, era o Chefe do Estado aguardado pelo embaixador britânico e por todo o pessoal da embaixada. O sr. general Carmona subiu ao primeiro andar onde, no salão nobre, apresentou ao embaixador as condolencias da Republica Portuguesa.

Ao retirar-se, o Chefe do Estado foi acompanhado até ao portão por «sir» Charles Wingfield, com quem trocou novos e afectuosos cumprimentos.

Todos os membros do Governo foram, durante a tarde, á embaixada inglesa apresentar condolencias.

Numerosos officiaes, generais do Exército e da Armada e outros altos funcionarios, bem como o Nuncio Apostolico, os embaixadores e ministros plenipotenciarios, foram tambem á embaixada manifestar o seu pesar pela morte de Jorge V.

O sr. general Norton de Matos, a quem o falecido soberano entregou, no palacio de Buckingham, a quando da Grande Guerra, as insignias da ordem de S. Miguel e S. Jorge, esteve tambem esta tarde na embaixada a apresentar condolencias.

Telegramas para Londres

O sr. general Carmona fez expedir

hoje, de manhã, para o palacio de Buckingham, dirigido á rainha Mary um telegrama em que exprime o seu pesar e o da nação e do povo português, pelo passamento de Jorge V.

O antigo presidente da Republica, sr. Manuel Teixeira Gomes, enviou tambem um expressivo telegrama de pesames, de Bougie, (Argelia), onde se encontra.

De Lisboa expediram-se hoje para Londres centenas de telegramas de condolencias.

O sr. R. G. Jayne, presidente da Camara de Comercio Britanica em Lisboa, enviou um telegrama de condolencias ao novo soberano inglês e á familia real, em nome daquela importante associação.

* * *

Devido ao luto na corte inglesa, não se realizarão quaisquer festas por ocasião da proxima visita ao Tejo da 21.ª divisão ligeira da Armada britanica, a qual deve chegar no dia 11 do proximo mês.

A ASSEMBLÉA NACIONAL

prestou homenagem á figura de Jorge V

A ordem do dia para a sessão de hoje da Assembléa Nacional era a seguinte:

1.º, Aviso prévio do sr. tenente-coronel Lobo da Costa acerca da situação dos chefes da Policia de Segurança Publica.

2.º, Continuação do debate sobre o projecto de lei do sr. dr. Saudade e Silva, que obriga os proprietarios de automoveis a transferirem a sua responsabilidade civil para companhias de seguros.

3.º, Discussão do contra-projecto do sr. dr. Aguedo de Oliveira e da proposta de substituição, da autoria do sr. dr. João Garcia Pereira, relativamente ao projecto de lei sobre dissolução de concentrações economicas, que a Assembléa Nacional começara a apreciar na sessão de 12 de abril ultimo.

O panorama da Assembléa variou um pouco, não só pela ausencia dos deputados que foram feitos ministros, mas pela nova instalação destinada a melhorar as condições acusticas da sala: um microfone na tribuna que transmite o som a alto-falantes colocados nas galerias, atrás das estatuas.

Às 15 e 35, o sr. dr. José Alberto dos Reis assumiu a presidencia, secretariado pelos srs. dr. Fávila Vieira e engenheiro Pedro Botelho Neves. Procedeuse á chamada, verificando-se a presença de 68 deputados. A sessão abriu ás 15 e 50.

O sr. presidente comunicou que estavam nos Passos Perdidos, com o proposito de

A impressão no estrangeiro

(Continuação da 6.ª página)

legrama de condolencias á corte britanica, pela morte do monarca.—(U.P.)

Em Barcelona

BARCELONA, 21.—A noticia da morte do rei Jorge V da Inglaterra causou uma grande emoção em toda a Catalunha.

O presidente da Generalidade, o alcaide e outras autoridades visitaram o consulado britânico nesta cidade e apresentaram condolencias, em nome de toda a Catalunha.

No consulado britânico têm-se recebido centenas de telegramas de pesames.—(United Press).

Em Washington

WASHINGTON, 21.—A impressão causada aqui pela noticia da morte do rei Jorge V foi enorme, embora já se

ocupar os seus lugares de deputados, os srs. tenente-coronel Linhares de Lima e engenheiro Sebastião Ramires e propôs que os srs. general Schiappa de Azevedo e dr. João Antunes Guimarães introduzissem o primeiro, e os srs. major Alfredo Sintra e engenheiro Pinto da Mota fizessem o mesmo ao segundo.

Todos os deputados se levantaram á entrada dos dois ex-ministros.

O sr. presidente comunicou á Assembléa o falecimento do rei Jorge V e disse:

—Está de luto rigoroso a nossa velha aliada, pela morte do seu rei. Jorge V era uma grande figura politica e uma excepcional figura moral. E conquistou a admiração não só do seu povo, mas do mundo inteiro, porque não deixou nunca de pôr a alta influencia da sua soberania ao serviço da Nação inglesa e da causa da paz. Uma grande figura moral, porque o rei Jorge V era a encarnação perfeita da honra, da dignidade e da nobreza espiritual. Por isso todos os ingleses, mesmo os seus adversarios politicos, tinham por ele o maior respeito, como ainda se provou eloquentemente quando das festas do jubileu, em 1935.

Terminou assim:

—Está, pois, de luto rigoroso a nossa velha aliada. Porque assim é, e porque ha uma forte e secular comunhão de interesses e de sentimentos entre Portugal e a Gran-Bertanha, comunhão expressa e afirmada na mais antiga aliança de que o mundo tem conhecimento, porque as alegrias e desgostos da Inglaterra são as nossas proprias alegrias e desgostos, é com o mais profundo pesar que assinalo o transe angustioso por que está passando neste momento a Nação Britanica, e que, em meu nome em nome da Assembléa Nacional, me associo á dor que faz sangrar, nesta conjuntura, o coração do povo inglês.

O sr. general Schiappa de Azevedo, em nome do Exército Português, associou-se ao voto de sentimento pelo luto não só official, mas nacional, que hoje cobre a Inglaterra.

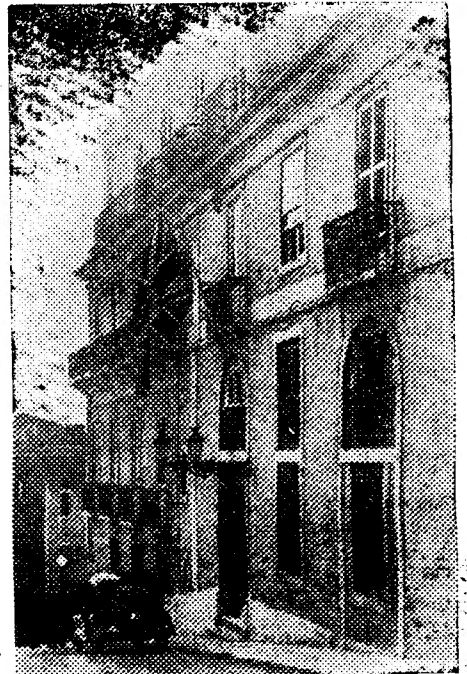
Lembrou a colaboração luso-inglesa nos campos da batalha da França, e lembrou a acção da Inglaterra a favor da paz durante o reinado de Jorge V e a amizade que o soberano inglês sempre demonstrou por Portugal.

O sr. dr. Mario de Figueiredo começou por dizer:

—Está de luto a grande nação inglesa. Está de luto tambem a nação portuguesa. Desapareceu a expressão maxima do povo inglês.

Afirmou que ele era o ponto de concentração das aspirações do seu povo e lembrou as épocas em que mais se tem afirmado a forte ligação entre Portugal e a Inglaterra.

O sr. dr. Vasco Borges subiu á tribuna.



A bandeira inglesa conserva-se a meia haste na embaixada britanica de Lisboa

O antigo ministro dos Negocios Estrangeiros exaltou a excelsa figura do soberano que acaba de ver terminada a sua vida terrena. Lembrou que, antes de ser rei, Jorge V foi integralmente marinheiro e que, depois de subir ao trono, continuou a ser marinheiro, no que esta palavra significa como bondade e amor da patria. E afirmou:

—Cumpriu o seu dever de excelente rei, ao serviço do seu pais.

Disse que os portugueses rezam, constantemente pela felicidade da sua patria, mas que hoje devem juntar a essas orações uma pelas felicidades da Inglaterra.

Iniciou, então, o seu discurso o sr. conego Correia Pinto que começou por afirmar que o rei Jorge V teve, como homem, como inglês e como chefe de familia, a boa fortuna de bem morrer:

—Morreu com o seu pais prospero e em paz, e viu á sua roda, nos ultimos instantes, todos os seus.

A impressionante oração funebre continua á hora a que fechamos o nosso relato.

O luto no Porto

PORTO, 21.—(Pelo telefone).—Quasi todos os estabelecimentos e escritorios têm a bandeira a meia haste em sinal de luto pela morte do rei da Inglaterra. A rua da Alfandega, por exemplo, oferece, por esse motivo, um aspecto curioso.

MAXIM'S

HOJE — Terça-feira, 21

1.ª apresentação em Portugal da artista brasileira

MASCOTTE ANIB

no seu repertorio de "sambas", e "rumbas".

Em pleno sucesso:

VICTORIA DEL MAR

(Miss Maitot)

PEPITA RUIZ

(La Muñequita de Oro)

Lanches para casamentos

PATISSERIE VERSAILLES

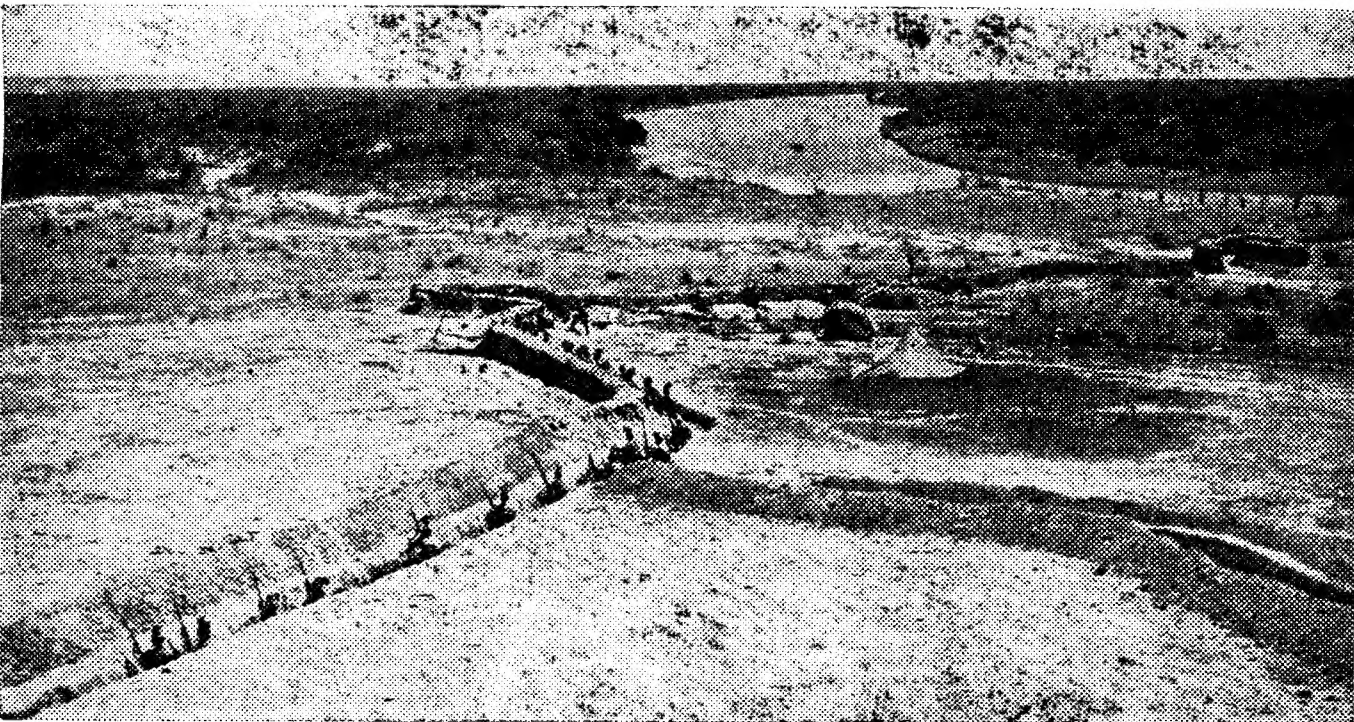
A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

Às 5 h.—CHA' ELEGANTE—Concerto pela orquestra de Antonio Soares
Aos almoços: Concertos
pela TROUPE GOUNOD

Imagens da guerra entre a Itália e a Abissínia



O rei Vitor Manuel, acompanhado do Duce, passeia em revista, diante do altar da Patria, em Roma, os novos contingentes que vão partir para a Eritreia



Indigenas italianos ocupam as linhas de trincheiras nos postos avançados da frente do Ogaden

PROVINCIAS

VILA DA FEIRA, 15—Nos proximos dias 19 e 20 realiza-se nesta antiquissima Villa a tradicional «Festa das Fogaceiras» que este ano é abrihantada por quatro das melhores bandas do concelho.

Como é costume, haverá, além da parte religiosa que é brilhantissima, uma recita, no domingo á noite, no Teatro D. Fernando II, promovida pelo Orfeão Feirense e seu respectivo grupo dramático.

Dos concelhos limítrofes e do Porto, principalmente, afflui um grande numero de forasteiros que visitam os monumentos desta historica terra.

Os afamados caladinhos e as saborosas fogaças da Vila da Feira, têm nestes dias uma saída colossal.

—Está quasi concluido o trabalho de empedramento da Avenida Dr. José Santos Carneiro que conduz á estação do Vale do Vouga.

Aos Ex.mos Medicos e Dentistas

Protesico: com officina propria e longa pratica, oferece os seus serviços. Trabalhos em todos os sistemas. Maxima pontualidade. Tabela razoavel. Largo do Caldas, 8, 3.º, Lisboa.—Telef. 21918.

PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Informa-nos o sr. dr. Saraiva Lima, que orientou as respectivas negociações, estar assente que o futuro empresario da praça de touros do Campo Pequeno seja o sr. Muñoz Crespo, que aceitou integralmente as condições do concurso.

Palacio da Independencia

De todos os pontos do pais e das colonias chegam noticias relativas á contribuição patriotica para a compra do Palacio da Independencia.

A Junta Geral do Distrito de Lisboa subscreevou com 20 contos.

LEIA O

fixe

Salão Sousa

CABELEIREIRO DE SENHORAS

E' onde se fazem as melhores permanentes, assim como todos os outros trabalhos. V. Ex.ª, visitando estes dois Salões, mostrará o seu bom gosto.

Sede: Av. da Liberdade, 236. Tel. 45416 - Sucursal: Praça do Chile, 14, 1.º. Tel. 49422

Chegaram esta tarde a Lisboa

os pescadores na Nazaré que assistem esta noite ao espectáculo no teatro Nacional

Pouco depois das 16 horas chegaram em frente ao teatro Nacional as camionetas que da Nazaré trouxeram os pescadores e peixeirinhas que esta noite assistem á representação de «Tá-Mar». Foi um espectáculo colorido e vibrante esse, dos homens da beiramar, percorrendo as ruas da Baixa, descascos, blusas xadrezadas de cores varias... espectáculo que não se repete e que esta noite tem a sua consagração no Teatro Nacional.

Café Luso

Hoje, grandiosa sessão de fados, por Maria do Carmo Torres, Antonio Vieira e o cantor no jocosso Francisco Santos. Noite de agrado e bem estar. O Café Luso é na Avenida da Liberdade, 31

A' margem da semana

Pensamentos e paradoxos

Uma pessoa inteligente apontou-me, outro dia, numa revista inglesa, alguns pensamentos ali coleccionados que, embora paradoxais, ou por isso mesmo, exprimem com traço forte certas verdades, que saltam dos olhos, embora procuremos não as ver, para conservar um pouco de optimismo ou, então, vê-los com amavel filosofia.

Diz, por exemplo, Growve: «Ligou-me tão pouca importancia, como se eu fôsse um bom conselho».

Quantas vezes temos constatado que, quanto melhor é o conselho, menos é atendido, e quanto mais alguém se assemelhe a um conselho mais enfiadinho parece...

Edward Dahlberg tem esta expressiva frase:

— «Disse-me com unhas na voz: Muito obrigado».

A unhada da voz que nos fala hostilmente, mesmo quando quer ser amavel, ou agradecer, sente-se logo, sobretudo se á sensibilidade do ouvido corresponde a da intuição.

E este comentario de Boyd Gatewood que é um compendio da vida de hoje: «Poucas pessoas vão ao medico quando têm uma constipação: em geral vão ao teatro».

Tomei nota, também, dum pensamento de mulher (Gertrude Atherton), e mesmo que não estivesse assinado não seria difícil adivinhá-lo feminino, pela melancolia sentimental que revela, pela especie de queixa, que nele se adivinha: «As rugas que cercam os olhos são os tumultos dos sorrisos mortos».

E' um pensamento de poesia, que se prestava a ser dito em verso, com ritmo triste e rimas vagas...

MARIA DE CARVALHO

AMENDOEIRAS EM FLOR

Comboio especial de excursão ao Algarve no domingo, 26, a preços populares, organizado pela C. P.

Estando já as amendoeiras em plena florescencia, a C. P. efectuará no domingo, 26 do corrente um comboio de excursão a Faro ao preço de 50\$00 em 3.ª classe, com uma carruagem de 2.ª a 65\$00, sendo os bilhetes também validos para embarque e desembarque nas estações de: Pinhal Novo, Setubal e Loulé.—Marcação 2\$50.

Magnifica ocasião de visitar a linda capital do Algarve e seus arredores e de contemplar o admiravel espectáculo das amendoeiras em flor.

Partida da estação do T. do Paço ás 7 horas. Chegada na volta a Lisboa pelas 0,50.—Ver horario no cartaz.

Inscrição nas Informações da Estação do Rossio.

A's pessoas da provincia que queiram bilhetes para este comboio é concedida a redução de 45 0/0 na viagem para Lisboa e volta. Dirigir-se á Delegação para o Turismo—Estação do Rossio, 1.º andar.—Telefone 2 4146.

SUFRÁGIOS

Delfina de Jesus Costa

Tendo passado ontem o primeiro aniversario da morte da sr.ª D. Delfina de Jesus Costa, mandou seu filho rezar missas de sufragio por sua alma, nas igrejas das Mercês, em Lisboa; de S. Pedro, em Faro; de S. Tiago e Salvador, em Torres Novas; e nas da Senhora da Piedade e Senhora do Monte, em Santarém. Distribuíram-se esmolas aos pobres pela mesma intenção.

D. Maria do Carmo Ferreira

Amanhã, ás 12 horas, na Igreja da Encarnação, será celebrada missa do setimo dia por alma da sr.ª D. Maria do Carmo Ferreira, mãe da sr.ª D. Virginia Ferreira e do sr. capitão-tenente Francisco Ferreira e tia da illustre escritora sr.ª D. Virginia Vitorino.

FUNERAIS

a pronto e a prestações

Preços e serviços com que ninguém compete

“SRAF”

R. das Pedras Negras, 5-1.º

Tel. 27288

NOVIDADES LITERARIAS

Um capítulo do livro de D. Alberto Bramão

«Recordações do jornalismo, da politica, da literatura e do mundanismo»

Do novo livro de D. Alberto Bramão, «Recordações do jornalismo, da politica, da literatura e do mundanismo», que foi há dias posto á venda, transcrevemos o seguinte capítulo:

«Referi-me á memória assombrosa de Hintze e vou contar o caso que eu, em alguns anos seguidos, diariamente presenciarei.

A Tarde, órgão do partido regenerador, foi durante uns anos redigida, na sua parte politica, por Urbano de Castro e por mim. Todas as manhãs, um de nós ia á casa de Hintze Ribeiro receber o *mot d'ordre*, isto é, saber o que o Partido convinha que o jornal dissesse. Se não havia assunto especial á tratar, Hintze limitava-se á indicar que fizéssemos o artigo de fundo na ordem geral da politica regeneradora. Se, porém, havia assunto especial, o que muitas vezes acontecia, indicava-o e expunha-o no seu delineamento, falando durante cinco ou dez minutos, o tempo necessario para preencher uma ou duas columnas do jornal.

«Acabada a exposição, dizia: — Não sei se percebeu bem... É necessario fixar os pontos essenciais...

E repetia a exposição que tinha acabado de fazer, exactamente com as mesmas palavras, com os mesmos pontos e com as mesmas virgulas.

Fiz muitas vezes esta observação, ficando com nitidez varias passagens da primeira exposição que ouvira para a confrontar com a segunda. Não havia discrepancia dum só adjectivo nem omissão duma só palavra.

Isto é: Hintze tinha decoreado imediatamente o arrasoado que improvisara. A sua memória era instantanea e ao mesmo tempo vastissima, cabendo dentro dela toda a vida politica e administrativa do país, com factos, nomes e numeros.

Desta forma, as questões que versava eram dissecadas e espremidas em todos os seus aspectos. Assunto submetido á sua análise ficava esgotado: não dava suco de novidade para mais ninguém. Era uma bomba aspirante que tudo exauria.

Na opposição, era um adversario tremendo. Não tinha o gladio cortante e sibilante da palavra de João Franco, que por vezes parecia retalhar sanguiariamente, com relampejantes vibrações de aço fino; não tinha o ornato teatral da oratória brilhantissima de João Arroyo, pronunciada com voz potente de barítono, em attitudes artisticas que davam relevo de moldura deslumbrante ao seu grande talento de orador; não tinha o sópro tribunico de José d'Alpoim, que empolgava o auditorio nos seus reptos de eloquencia literaria; não tinha a ironia acerada e a mordedura cáustica de Chancelieiros ou Marçal Pacheco; mas nenhum parlamentar, nem mesmo os que mais esmiuçavam os assuntos, como Mariano de Carvalho, Eduardo Vilaça, Ressano Garcia e outros, desmenbrava como ele uma questão na multiplicidade dos seus aspectos, analisava, classificava e extraia todas as conclusões nela contidas, com uma argumentação cerrada e inflexível, cheia de factos, documentada e irresponsível.

A sua obra parlamentar foi colossal e daria muitos volumes, que poderiam formar uma pequena enciclopédia restrita aos assuntos geralmente versados nas assembleias politicas. Infelizmente os seus discursos principais, na grande maioria, não foram revistos pelo autor, e outros, os mais importantes, ficaram em branco nos «Diarios das Sessões», porque Hintze, por falta de tempo para os rever, só raras vezes devolvia á Redacção os manuscritos traduzidos das notas taquigraphicas.

Há um discurso, porém, que Hintze Ribeiro publicou em volume e que é sufficiente para aquilatar a sua grandeza, como critério, exposição e saber. Refiro-me ao que pronunciou nas sessões de 23 e 25 de Abril de 1898, na Camara dos Pares, sobre o regime da divida publica, a proposito da pro-

posta de conversão apresentada pelo ministro da Fazenda Ressano Garcia. Este discurso occupou inteiramente as duas sessões. Nele se historia, com uma erudição abundantissima e rara, toda a vida financeira do país, desde a dinastia afonsina, apontando, como primeira operação de conversão bem caracterizada, a que se effectuou no reinado de D. Sebastião, quando este monarca quis fazer as fortificações de Tanger e Ceuta.

Dai por diante, o discurso regista toda a serie das nossas conversões, a de 1562, sob o dominio de Filipe II, de Espanha, a de 1614, ainda sob a dominação de Castela, a de 1656, no reinado de Afonso VI, as de D. Pedro II, em cujo reinado se iniciou a emissão do papel moeda, as de D. João V, apesar das minas de ouro descobertas no Brasil, mas cujo filão não chegou para alimentar a corrente de faustoso dispendio em que brilhava a coroa do sumptuoso emulo do rei sol.

Veio depois o reinado de D. José, sob a égide tutelar do génio imortal do seu ministro, e então aí, apesar das contrariedades violentas, que venceu com uma energia por vezes crudelissima, e da convulsão de terra que obrigou ás enormes despesas da reconstituição da baixa de Lisboa, o marquês de Pombal conseguiu legar ao seu successor um erário bem provido, sem nunca recorrer ao expediente desagradavel da redução dos juros.

Mas o período áureo de consolidação prosperidade morreu com a expulsão do grande marquês, inspirada num sentimento de reacção, incutido no animo frágil de D. Maria I e movido pela nobreza, que o severo ministro humilhara, e pelo jesuitismo, que o audaz reformador expulsara.

Toda a obra que o imortal estadista erigira, como pedestal do seu renome, durante um quarto de século afanosamente aproveitado em trabalhos patrióticos, tudo a reacção desfez depois, como um veneno implacavel que fôsse corrompendo o organismo nacional, não nas manifestações do seu animo generoso, que esse afirmou-se depois bem alto perante o vôo das águias de Napoleão, mas nas manifestações administrativas, cada vez mais desoladoras, até ao protesto popular conhecido pela revolução de 1820.

Seguiu-se então todo esse doloroso período da nossa historia liberal, que assentou o seu primeiro marco no juramento da constituição por D. João VI, em 1822, constituição que não era obra definitiva, visto ser, como lhe chamou Herculano, um *acervo de teorias irrealizáveis*, a que se seguiram a capitulação de Évora-Monte, a revolução de Setembro e a Constituição de 1838.

Toda essa agitação, que chegou a ser convulsão nacional, exauriu o tesouro, pondo a fazenda publica nas dificuldades duma divida grande. Veio então a primeira autorização parlamentar, no intuito de facultar ao Governo, em que predominava José da Silva Carvalho, desafogo para efectivar todos os actos de interesse publico, e foi em virtude desta autorização que appareceu o decreto determinando a conversão das apólices de 6 por cento em Inscrições de 4 por cento.

Foi a primeira conversão do nosso período liberal. Seguiu-se a conversão da divida aos portadores de títulos antigos, depois a conversão de 1836, que apenas foi um novo empréstimo disfarçado, a de 1837, sobre padrões de juros reais, a de 1845, a de 1846, liquidando a parte não mansa da antiga divida das tenças e padrões de juro real.

Esta sumula da primeira parte do discurso de Hintze Ribeiro é apenas um indice, mas por ele se pode fazer idéa da quantidade de factos e numeros com que o orador, durante três horas consecutivas, fez a demonstração da sua tese.

Quanto á segunda parte, que occupou igualmente três horas, fazendo toda a análise financeira da vida portuguesa, foi ella o complemento desse

trabalho magistral, revelador de enorme estudo politico e financeiro. Mas não vá supôr-se que nestes discursos de vasta erudição se tornava pesado e monótono, fazendo obra mais para consulta do que para prazer de ouvir ou ler, porque, como Paul Deschanel disse de Thiers, Hintze possuía a arte de tornar claras e atraentes as mais áridas e complicadas questões de numeros. E embora neles predominasse a preocupação do argumento e da documentação, havia sempre o encanto estético proveniente da correcção pura da linguagem. Nenhum orador parlamentar foi mais sintacticamente perfeito. Os períodos saíam-lhe acabados, sem uma discordancia gramatical. A sua correcção prosódica era tão notória, que até despertou ao notavel escritor Alberto Pimentel a observação espirotuosa de que Hintze, até mesmo ao referir numeros, não deixava de os pronunciar com sujeito, verbo e attributo.

Esta correcção de linguagem era completada pela dignidade das idéas e da sua attitudo parlamentar, não tendo nunca uma palavra de agravo para os seus contendores, antes mantendo sempre uma cortesia e deferencia, que estavam em inteira concordancia com a sua distincção pessoal.

Hintze Ribeiro era um homem fundamentalmente distinto, até mesmo na mais privada intimidade. Tinha um acentuado corte hieratico na figura, como Fontes, e por isso chegou a criar voga a alcunha de *casaca de ferro*, inventada por Marçal Pacheco, pois muita gente queria ver empertigamento de soberba e frieza onde apenas havia a linha natural do seu fisico.

Era, por natureza, um homem grave, tomando a sério todos os factos, episódios, simples palavras, como que vindo em todas as coisas sementes de acontecimentos de maior ou menor importancia.

Na sua indole havia a caracteristica de quem se absorve no cumprimento duma missão social. Acima de todas as suas preocupações, ainda mesmo as da propria saúde, que desbaratou na causa publica, estava a do país.

Em uma carta que me escreveu de Territet, em junho de 1906, para onde fôra gravemente enfermo, dizia-me: «... Já não posso andar e mesmo subir um pouco, sem dôr nem cansaço, e estou melhor disposto, mas impaciente por me ver de novo junto dos meus amigos, numa ocasião que infelizmente é grave e perigosa no nosso país».

O bem da patria e o temor dos males nacionais tiveram sempre predomínio no seu espirito, projectando nelle uma sombra de grave preocupação.

Ha dois documentos interessantissimos, comprovativos da devoção patriótica que existia sempre no seu cerebro. São duas dedicatorias á sua mulher. Uma, num exemplar do «Relatorio e propostas de Lei e Documentos» apresentados na Camara dos Deputados em 29 de outubro de 1894.

Diz assim: «Minha querida Joana: A ti, que dia a dia me viste prosseguir neste improbo trabalho através das preocupações e das vicissitudes da minha acidentada vida de governo, dedico esta prova de quanto me tenho sinceramente devotado pelo meu país. Ninguém melhor do que tu o sabe, porque tens sido em tudo a minha dedicada companheira. Com todo o meu affecto por ti.

Outra, num exemplar do «Relatorio e Documentos de Fazenda, acompanhando o decreto de Junho de 1894».

Diz assim: «A minha querida mulher Joana Hintze Ribeiro dedico este meu trabalho, confiando em que Deus lhe porá a virtude á bem do nosso país. Para com Ele será Joana, estou certo, bem acolhida medianeira».

Até mesmo nestas manifestações de carinho conjugal não deixava de revelar a grave preocupação do bem da sua patria. Esta feição do seu espirito como que o investia na responsabilidade solene do destino nacional».

TAUROMAQUIA

O conflito dos criadores de touros

Todos os «aficionados» conhecem o conflito que ha anos divide os criadores de touros de lide associados em Espanha. Alguns destes, acusados de haverem infringido os estatutos da União, recusaram-se a pagar a multa que lhes foi imposta. O veto que sobre eles recau, atingiu as praças onde fossem lidados touros seus. Estas são, especialmente, as do empresario Eduardo Pagés que assim isolado, ainda que bem amparado por Juan Belmonte conseguiu a adesão de mais duma dezena de socios da União e com os touros destes—entre eles D. Carmen de Frederico—se vem defendendo ainda que aparentemente se tenha desligado da praça de Madrid, da qual, em maio de 1934, se retirou Ortega a pretexto do conflito e de serem pequenos os touros dos não associados. A este gesto de Ortega assistimos com varios «aficionados» portugueses, e assistimos também á reaparição do mesmo toureiro em Tetuan com touros ainda mais pequenos, de Antonio Perez, de S. Fernando.

Em boa verdade, Ortega, dando-se ares de prestar um serviço á União, quiz apenas livrar-se da praça de Madrid e do seu publico, bem mais difficil que o de provincias...

No passado dia 14 do corrente reuniu em Madrid a União de Criadores de touros de lide, tendo comparecido cinquenta associados, entre os quais o sr. dr. Emilio Infante da Camara que quiz ter a amabilidade de nos informar acerca do que lá se passava.

—Pela qualidade e quantidade de socios e pela importancia das deliberações tomadas, foi sem duvida esta a maior e mais interessante de todas as Assembleas Gerais da União que aprovou por unanimidade o fiel cumprimento dos estatutos e resolveu que cada ganadero aceitasse uma letra de 50.000 pesetas como garantia, importancia que cada um pagará em caso de infracção. A formidavel victoria que para a União representou o acôrdo tomado, foi para mim —diz-nos o dr. Emilio Infante—motivo de grande satisfação porque na minha qualidade de homem trabalhador e, portanto, ordeiro, assistiria com desgosto á anarquica derrota da grande maioria. Também quero manifestar o meu agradecimento pela gentileza com que os meus colegas de Espanha sempre me recebem e que justifica a tradição da fidalga hospedagem espanhola. No banquete do dia 15 realizado no Hotel Capitol, modelo de grandeza, conforto e modernissimo, o meu lugar estava marcado na mesa presidencial. Não era a um dos mais modestos dos 50 ganaderos presentes que esse lugar pertencia, portanto o facto representou mais uma prova de fidalga gentileza com que sempre somos recebidos pelos illustres colegas e que em tudo se manifesta e principalmente na boa vontade com que assistem á entrada de toiros portugueses em Espanha, numa epoca em que ali sobram muitos. A proposito repito agora o que ali disse: A União é peninsular e por isso não deve haver fronteiras aduaneiras, nada justificando portanto os direitos e impostos sobre a entrada de toiros portugueses, disposição alfundegaria que urge ser revogada. Fui portador das letras destinadas aos meus Ex.^{mos} Colegas portugueses e o encarregado de saber se estarão de acôrdo com a unanime deliberação de Madrid.

«Foi para mim motivo de satisfação a entrada de Ortega para a União porque nunca esqueci a attitudo deste matador durante os momentos difficeis da União. E acabo por onde comeci, a minha viagem, de ida para elogiar o optimo serviço e belo material da Lape dirigido superiormente por notaveis pilotos. Tive a sorte de ser pilotado pelo grande aviador Ansaldo, espanhol notavel que muito honra a grande patria que o viu nascer.

Isto nos disse o dr. Emilio Infante da Camara. E perguntamos nós: aceitará Eduardo Pagés abandonar os ganaderos que estão fora da União por lhe haverem fornecido touros? Crêmos bem que não e, menos se Juan Belmonte—que ainda é quem enche as grandes praças, e com preços altos—se quizer dispor a tourear mais algumas corridas.

Conclusão: a União mantém o seu criterio, e o conflito continua insolúvel.

EL TERRIBLE PEREZ

Lanches para casamentos

PASTELARIA COLOMBO

Av. Republica, 10 H—Telef. 4 9225

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo. 6

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria José Van Zeller Guedes de Albuquerque, D. Maria Isabel de Avilez de Sousa Rego, D. Maria Helena Ferreira de Castro Soares Branco, D. Eugénia de Melo Osorio de Sarmiento e Vasconcelos, D. Helena Woodhauss de Sá Passos, D. Maria José Callaty Santos de Almeida, D. Suzete Fernanda Barroso de Moraes, D. Angelica Maria Martins Pita, D. Maria Amélia Norton Duarte Freire, e D. Maria da Nazaré Monteiro Esteves.

Faz hoje anos a sr.^a D. Augusta de Jesus.

PONTOS DE REUNIAO

No Central Cinema

Assistencia elegante ás exhibições do actual programa neste belo «cine» da Praça dos Restauradores:

Condessa de Arge, D. Eliza Carneiro Bordallo Pinheiro, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha e filhas, D. Isa Xavier de Brifo Barata, D. Angelica Carvajal Teles da Silva, D. Gert Cast Seixas, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena, D. Ana Mafalda Pereira de Melo, D. Virginia de Abreu Carocha, D. Octavia Fuschini de Lima Mayer e filhas, D. Maria Cohen Espirito Santo Silva, D. Maria Geada Correia Marques, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos e filha, D. Sofia Possolo de Sousa, D. Izilda de Vasconcelos Salgado, D. Carmen Turnes, D. Lucilla Simões Braga, D. Ida dos Santos Cunha e filhas, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa e filhas, D. Helena Maria Gaudes Burnay, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Emile Polnay de Castelo Lopes, D. Maria Luiza Morano e filhas, senhora de Artur da Silva Rebelo, D. Marta Aires de Magalhães de Carvalho, D. Maria de Saldanha Ramos Pinto, D. Maud de Mendonça, D. Elvira Baptista, D. Alice Barroso, D. Julia Oceano Raposo, D. Maria Amélia Contreiras Cid, D. Maria Adelaide Coelho e irmãs, D. Maria da Guia Ferreira Patricio, D. Maria Luiza da Veiga, D. Maria de Bivar Viana da Mota e irmãs, etc.

JANTAR

O sr. Carlos Husum e sua esposa a sr.^a D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, ofereceram no Palacio Hotel do Estoril um jantar, festejando o aniversario natalicio de sua gentil filha D. Maria Domingas, ao qual foram convivas as seguintes pessoas: Finn Koren, ministro da Noruega e esposa, major Ezumikowski, ministro da Polonia, barão Oswald von Hovningon Huene, ministro da Alemanha e esposa, D. Mariano Armendariz del Castillo, encarregado dos negocios do Mexico e esposa, conde de Nigra, consul geral de Italia e esposa, Guilherme Pinto Basto, consul geral da Dinamarca e esposa, marquesa do Cadaval, conde de Penha Garcia e esposa, conde de Nova Goa, barão Aersen, Alfredo da Silva e esposa, almirante Ivens Ferraz e esposa, Lady Brewulow, D. José de Melo Breyner (Mafra) e esposa, senhora de Romer, D. Arcelina Valente Moreira (Taboiera) e D. Eugénia Franco Frazão (Penha Garcia).

NOS SALÕES

Em honra do illustre escritor francês Charles Oulmont e de sua esposa, ofereceu na dias na sua encantadora residencia em Benfica uma pequena reunião intelectual a um reduzido grupo de amigos a grande escritora Virginia de Castro e Almeida que ha meses se encontra entre nós—num intervalo do seu patriótico labor no estrangeiro nomeadamente em Genebra onde representa o nosso país junto do Instituto de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações.

Ouviram-se nessa noite algumas horas de raro prazer espiritual como noutros tempos em que se preferia ao bulicio e á agitação a conversa elevada onde a cultura substitui a futilidade deste nosso tempo inconstante e frivolo. Na assistencia vimos Charles Oulmont e esposa, condessa de Proença e filha, viscondessa do Ameal, Antonio Ferro, Mme. Marcelle Galloppin, D. Maria de Carvalho, D. Fernanda de Castro Ferro, visconde do Ameal, D. Maria Augusta Pereira Forjaz Trigueiros, conde de Amora, Mrs. Pamela Boden, D. Candida Aires de Magalhães, D. Matilde Sauvire da Camara, Luiz Forjaz Trigueiros, etc.

Grande escritora e altissimo espirito, D. Virginia de Castro e Almeida soube encantar duplamente os seus convidados pelos primores da sua intelligencia e pela requintada fidalguia e bondade do seu coração.

DOENTES

Da maternidade A. Bensaude onde foi operada duma apendicite pelo sr. professor dr. Jorge Monjardino, teve alta a sr.^a D. Ema Oliveira Marin.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

IMAGENS DA ITALIA ANTES DO FASCISMO

Badoglio, o vencedor do Piave, em Veneza

Foi em Veneza, numa italianissima tarde de março, na Piazzeta de S. Marcos, entre o Palacio Ducal e a Livraria Velha, á sombra do Comparile reedificado e das duas columnas de granito em cujos capitels poisam, irreconciliáveis, o leão alado de S. Marcos e o crocodilo de S. Teodoro...

Andava então a Italia invadida pelos aliados triunfantes e avidos de conhecer-lhe. Os americanos desfiliavam militarmente, em Milão, diante da Cópia da Cella, de Vinci, em Santa Maria del Frati, sem suspeitar a existencia do desmaiado original ali perto... Alguns ingleses procuravam os rastros românticos deixados na Italia pelos seus Poetas... E, sobre os ultimos frios e nevadas de inverno—a primeira começava a acariciar a Lombardia e a Veneza.

Surpreendera-me em Veneza, certa manhã de março, o aspecto diverso da cidade. O silencio e a calma da Flor das Lagunas tinham-se alterado. No Cais dos Esclavões formigava gente, a multidão adensava-se ao longo da agua, começava a escurecer terraços e muralhas, janelas, tectos e varandas, no Palacio Ducal, na Dogana do Mar, entre a Giudeca e o Grande Canal, em S. Jorge Maine ao longe...—A bacia de S. Marcos regorritava de gondolas. Como um dragão imenso, a multidão voltava o olhar ansioso para o mar. Comprei um jornal e li...

Naquella tarde entraria na bacia de S. Marcos a parte da esquadra austriaca que coubera á Italia vitoriosa. Entre os barcos viria o «Tegethoff»—uma das maiores unidades de todas as frotas do mundo. Ah! A Italia vencida, espesinhada em Lissa, ia viver a hora gloriosa e magnifica da sua desforra! Dali a pouco, diante das velhas taracenas onde se tinham arqueado as primeiras naus da Republica Serenissima,

*Vivere non est necesse,
Necesse est navigare...*

O pavilhão imperial dos Habsburgos deslizaria ao longo dos humilhados mastros e, com uma nova e invencível prosapia, o pavilhão de Italia e de Saboia ocuparia o seu lugar! Compreendi a variação do ambiente, os gritos que da Giudeca, da Dozana do Mar, e de S. Jorge Maior, mais longe—no rondar da gondola que me levava, chegavam até a mim como haustos de maré cheia.

Evviva la piu grande Italia!

A Italia moderna já antes de Mussolini e do Fascismo era um grande palco de aparato, ao meio duma larga e hiperbolica cenografia—uma lira sonora sensível ao menor vento heróico... A um jovem official italiano a quem faziamos o discreto, amigo reparo de tal qualidade, ouviamos, sem qualquer protesto, a justificação do habito necessario.

Tinha de ser assim... «Altranente

Italia non esseba»... A unidade italiana carecia daquela voluntaria e teatral ressonancia. Dispersos, oprimidos, divididos, os italianos tinham vivido seculos sob diversas tiranias, frente a varios e discordes pequenos destinos. —A grande Italia queria por suas mãos modelar o seu grande destino!... Aquele entusiasmo espectacular, aquele exagero era necessario, como forte cimento aglutinador para fortalecer e erguer, inteiro e vibrante, o corpo glorioso da Italia de amanhã. E eu perguntava a mim mesmo: Ao serviço de que destinos?

* * *

A quatro meses do armistício, já andava no ar o ensaio da peça que seria, com D'Annunzio, Fiume. Irrequietos, os soldados do Corso, do Caporetto, da Piave iam ser os «arditi» do genial e heroico cabotino do «Fuocco». Benito Mussolini, socialista ou comunisante, não vestira talvez ainda a camisa negra, nem se animara, ao gosto dos grandes industriais da Lombardia, a marcha sobre Roma. Marinetti pontificava no Cuova, em Milão. A aventura comunista que faria a ocupação passageira das fabricas, se andava no ar, não atemorizava Giolitti que saberia fazer baldar-se sem ele ensanguentar, com uma desnecessaria repressão, o solo de Italia.

Descontente da paz que vinha, a Italia punha os olhos cubicosos e ardentes nas costas da Istria, da Dalmacia. E não era de amor o olhar que, por sobre os Alpes, despedia contra a França e Versailles... Em Milão, enquanto nos não suberamos portugueses, iludidos pela cêr dos nossos uniformes—á pergunta: «Chi sanno?» uma voz respondia sempre, com desprezo e quasi odio:—«Francesi»...

Nas festas militares a que assistimos estavam ausentes os soldados de França e da Gran Bretanha...

* * *

Já das bandas do Adriatico, crescendo sobre a Laguna, se alava uma negra nuvem de fumo. O «Tegethoff», se bem recorde, abria a marcha daquela teoria penitente... E os mastros, e os cascos sombrios das naves austriacas, surgiam, avançavam, cresciam na luz esbatida daquela tarde cheia de frémitos.

Quando fundearam, a bacia de S. Marcos desde a ilha de Santa Helena ao Grande Canal parecia coalhada de gondolas e navios.

Eu e o meu companheiro, soldado da guerra que lembro com saudade, porque está longe—suspeitando já a grandeza do espectáculo, derivávamos ao calor da nossa gondola vadia, quasi ciumentos daquela hora alta e formosa. Refugiavamo-nos na torre do nosso orgulho lusiada—para o entusiasmo não nos contagiar.

Se nos comovera a vista dos grandes

camaradas italianos mutilados e gloriosos que apertáramos contra o coração—aquele entusiasmo não o entendíamos bem talvez...—havia nele grandeza, é certo, mas não sei que forçado artifício também...

Trazíamos dentro do peito um orgulho que se media ao sabor de todos os mares do mundo. Oito seculos de liberdade e batalhas ao serviço do mundo...

Mas quando, subito, ao troar dos canhões, ao desvalirado uivo das sereias, na orgia louca das mil campanas de Veneza tocando ups a rebate festivo, aquela orquestração formidanda se repercutiu nas aguas, prolongando-se num eco sem limites, sobre o baixo fundo das aclamações do povo em delirio—o calafrio da cidade, noiva do mar, arebatoou-nos.

Na prôa dos navios, negros, flancos vibrando ao arranque das salvas—desdobrava-se a flamula de Saboia.

A laguna, viva, encrespava-se ás ondas como um leão alado. Ao longo do cais, na bacia de S. Marcos, por toda a parte, a multidão, o grito unisono, a furia entusiastica, eram um oceano doido, o desabar do mundo!

Sem querer, os meus labios dissearam os versos de Leopardi... Sobre a laguna, sobre os navios, sobre os palacios alvos, doirados e belos, senti passar o vulto da maior Italia. O elmo de Cipião cingia-lhe a fronte transfigurada.

Erguia ao alto o gladio de Garibaldi... Uma camisa rubra modelava-lhe os selos de estatua evadida dum museu glorioso! Sentia-a, em marcha alada para um destino de libertação e grandeza!

Então uma onda mais alta ergueu num sobressalto a minha humilde gondola.

Numa rajada de oiros, abrindo ondas, deixando uma esteira de aclamações e ondas—um barco passou...

Il Re! Il Re! D'Annunzio!...

As duas realezas de Italia cruzavam, como num vôo de aguia, aquela hora, aquele ceu, heroicos.

Eu mal adivinhei duas pequenas figuras erectas, na ponte de comando—pequenas de mais, em corpo, para a amplitude daquela cenografia formidanda...

Quando desembarcámos no Molo, quasi humilhados, ainda saboreámos como um doce tributo as palavras duma mulher do povo, velha dona que louvou a nossa mocidade de soldados e sorriu ás medalhas que tínhamos no peito...

Entre S. Marcos e a Biblioteca Velha, na Piazzeta, a turba agitava-se num redemoinho historico... Aclamações, corridas, gritos, frases dramaticas, gestos de frisos classicos. Pois ergulam ao alto os filhos pequeninos:

—«Ecco, vedi! Il grande generalissimo!—Sguarda, figlio mio!».

E os homens acovelavam-se, as mulheres iam a desfalecer de volupia ou esmagadas sob a violencia—todos queriam dizer a adoração ao chefe, gritar-lhe o seu louvor, erguê-lo em triunfo ali, no chão historico onde Baratiere tivera assento de fogo e os carascos de Veneza a sua oficina de sangue.

Quizemos vêr o vencedor do Pia-Piave.

Abrindo brecha, brutaemente, através dos homens enlouquecidos, senhores de nós e frios já, pelo excesso que sentíamos no quadro tumultuoso—chegámos ás primeiras filas.

E vimos um official, confuso, aflito, contrariado, procurando esquivar-se á homenagem que não era para ele. Diaz não estava ali!... Quasi ferido por aquela homenagem que o feria decerto em seu orgulho de grande chefe, um homem de pequena estatura, mais pequeno na sua atrapalhada e sob o alto barrete que o oprimia, suplicava o deixassem, procurava escapar-se, suplicava o ouvissem, dizia, bracejando: —«Io non sono Diaz, signori!».

Era o chefe de Estado Maior do Exercito da Italia.

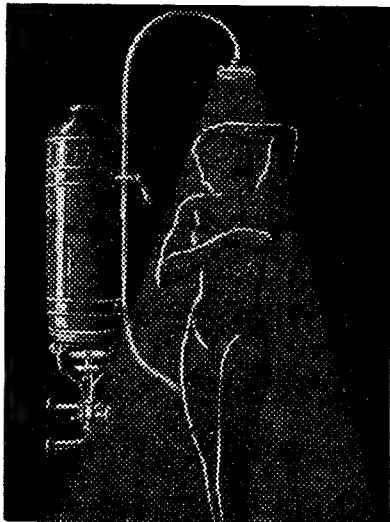
Era Badoglio.

F. A. G.

O melhor
esquentador

Um banho de
chuva
por \$10

A' venda nas
Companhias
Reunidas
de Gaz e Elec
tricidade



VENDAS

a
prestações

Telefone 2 0329

Extinto Convento
dos
Marianos

Rua das Janelas Verdes

AUGUSTO CASIMIRO



A chegada do príncipe de Gales a Lisboa, em 1931, no regresso da sua viagem à Argentina, vendo-se ao lado o ministro dos Negócios Estrangeiros Fernando Branco.



V de Inglaterra e os Três chefes de Estado desaparecidos
(Cliché gentile)



O príncipe de Gales, de passagem no Porto, visitando a Exposição Colonial, acompanhado pelo capitão Henrique Galvão



O príncipe de Gales, fardado de oficial dum regimento de «highlanders», condecora um soldado



O príncipe de Gales e o presidente erguido em Thiéval, em honra à



O príncipe de Gales, acompanhado do ministro Fernando Branco e seguido pelo duque de Kent, passa em revista a guarda de honra, ao desembarcar em Lisboa do seu regresso da Argentina.



Jorge V no Grande Quartel General Poincaré e os generais Joffre, F era o único sobrevi



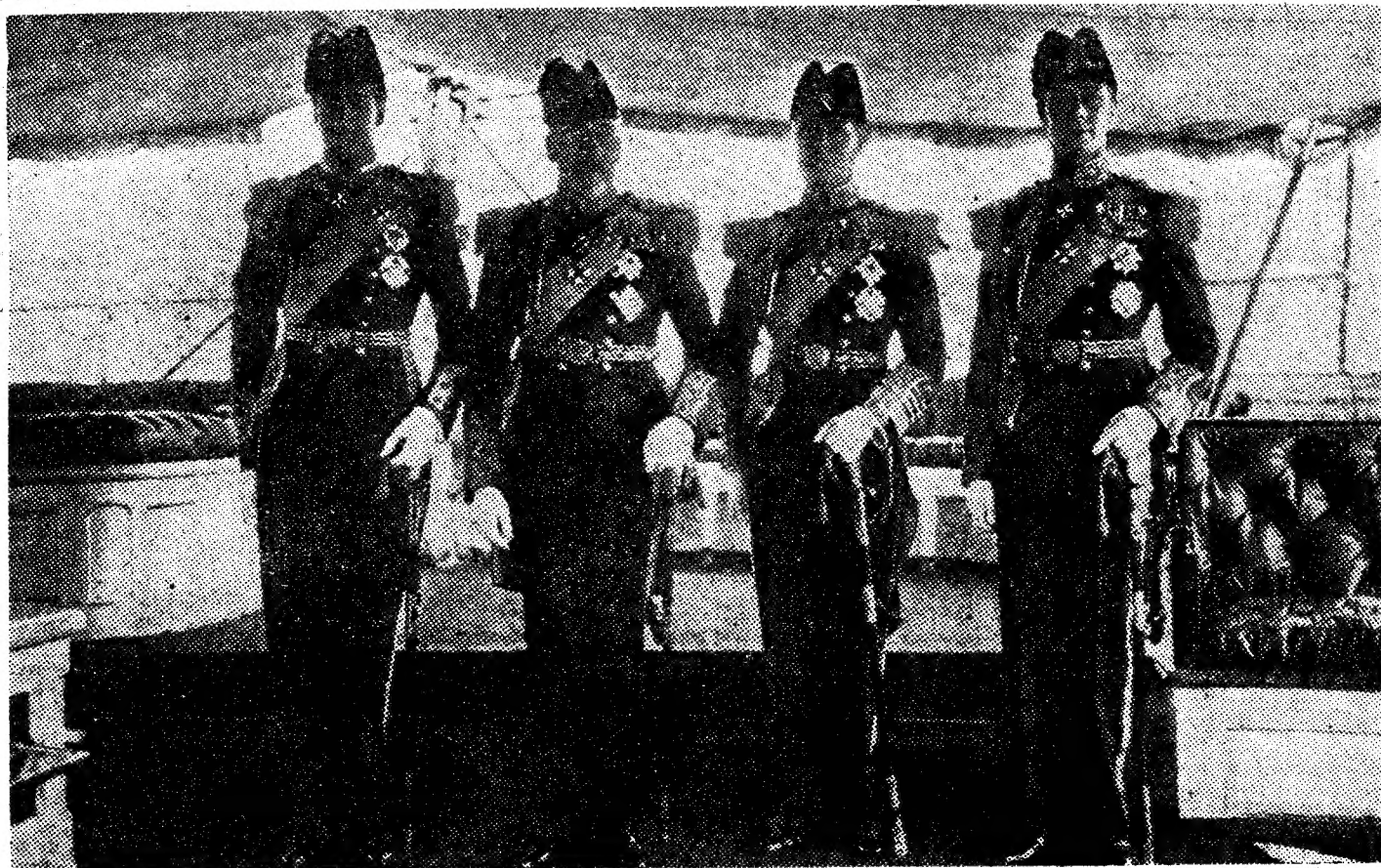
Alberto da Bélgica
Cesar Nicolau da Rússia, o rei Jorge
cedido pela livraria Aillaud & Lellos, Lt.ª)



durante a guerra, com o presidente
Douglas Haig. O rei de Inglaterra
deste grupo histórico



Os reis da Inglaterra serviram, numa das horas
da sua vida



Durante a revista naval comemorativa do jubileu, o rei Jorge V com os seus três filhos: príncipe de Gales
e duques de York e de Kent, a bordo do yacht real Victoria and Albert.



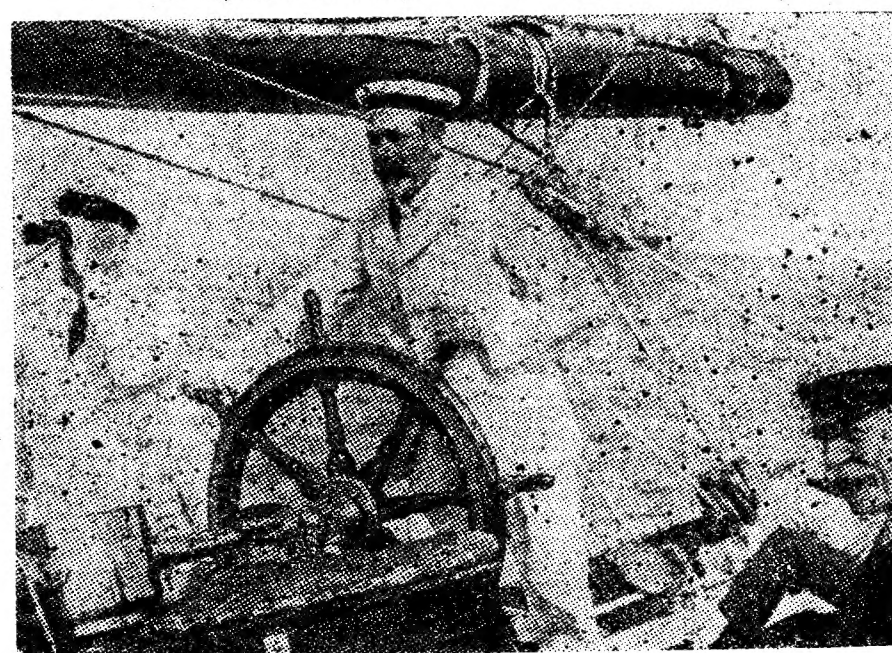
O rei Jorge assistindo às ultimas ma-
nobras do exercito inglês, na com-
panhia do general Francis Hardy



Os reis da Inglaterra
à data da sua coroação



Os reis da Inglaterra serviram, numa das horas
da sua vida



Jorge V praticando um dos seus esportes favoritos: o tiro

ARTISTAS POPULARES

Um tocador de viola

Alfredo Costa e o seu prodigioso temperamento

Motivo para lastima é sempre o facto de a elevada condição dos magnates da critica musical, impedidos de *descerem* até ao executante de certos instrumentos que eles julgam de somenos e em cuja audição não esperam, erroneamente, fruir qualquer emoção de beleza... Pois, se quizessem deslocar-se, um pouco, do altaneiro trono seria certo que, de quando em vez, teriam de tributar justissimos louvores a músicos do povo que o povo exalta calorosamente e que pela critica, expurgada do retraimento pedantesco, deviam ser cercados de atenções e incitamentos.

A sugestão deste considerando tive-a ao ouvir Alfredo Costa, o brilhantissimo violista que num salão publico de Lisboa empolga, em algumas noites na semana, bastos centenares de ouvintes deliciados pela sua arte, que prodigaliza as mais puras fascinações do espirito e reflecte o fulgor de uma intuição extrema.

Esta cariciosissima impressão de enlevo estetico proporcionou-ma o insigne solista—melhor do que nas suas apresentações publicas—sob o afaço gentil que para mim constitui a casa de um amigo muito querido onde existe o meio propicio ás mais plenas manifestações da interpretação musical, aquecidas pela favela de um desvelado dilettantismo. Ai, nesse ambiente de respiração quasi suspensa e de concentração tranquila é que me foi dado avaliar por completo os dotes verdadeiramente maravilhosos desse sortilegio da viola—da viola que nas suas mãos ascende a classe tão alta quanto imprevisível na categorização dos mais prestigiosos utensilios do som musicado. Alfredo Costa enfileira com os artistas eleitos que de golpe subjugam os instrumentos e o auditorio, entonando este por meio de irresistíveis filtros de *expressão*. Dominando absolutamente a viola, em limpidez, em prontidão e em integridade interpretativa, o notavel concertista honra as influencias da escola castelhana em que se desenvolveu a sua tecnica de mestre. Isto, porém, não quero dizer que em Espanha e na Argentina, onde estacionou por dilatados tempos, se encontrem abundantemente violistas com a sua «maneira» subtil e profunda, com o seu grande sentimento das gradações e da comunhão harmonica, com a clareza da sua sonoridade, que ele sabe variar segundo as intensidades de expressão e em obediencia aos exactos coloridos reclamados pelas rubricas musicais.

Quem quiser entender justamente estes dizeres do meu preito tem de ouvir o admiravel artista em certas peças do seu repertorio magnifico, entre o qual se notam obras de classe. Mas, é forçoso que o ouça directamente, pois, através da difusão radiofonica, perdem-se muitas das suas qualidades excelsas, transviadas entre fragores de intrusas barulheiras que os recursos da T. S. F., alás assombrosos, não conseguem por enquanto neutralizar.

Um dos dotes excepcionais de Alfredo Costa é a segurança na *nitidez*, mantida até mesmo nos mais rudes acordes dissonantes. Egualmente me assombrou o seu *tempo* irrepreensível na passagem de tons, o esmero do seu dedilhar, impecavel nos arpejos mais complexos; a sua clara marcação do *caracter*, tanto de escola como de autor; e a conjugada simultaneidade do ataque no premir e no puxar, servidos pelas suas mãos energicas e frenéticas, sempre precisas de oportunidade, sempre galvanizadas numa mobilidade portentosa.

Assim o apreciei numa serie de execuções cativantisimas—as de «Canção do berço», de Rimsky Korsakoff; «Fantasia Espanhola n.º 1»; «Momento musical», de Schubert; «Rapsodia Portuguesa», «Rapsodia Galega», «Valsa das três horas» e «Moros y Cristianos», trecho-modelo de expressivo moirismo que ele comunica encantadoramente sob a mais integral revelação da indole arabe, pormenorizada em todas as nótulas do seu fatalismo soturno e cego.

No epilogo da audição deleitosa,

emergi do sonho que ela foi para mim, saudoso da mistica fixidez do extase—daquele espiritalissimo alheamento preso a uma das mais altas virtuosidades que têm oferecido á minha sensibilidade o gosto de um inegavel inebriamento do espirito! Foi igualmente deste modo que Alfredo Costa venceu —pelos sufragios do bom-gosto—no animo de muitos e selectos amadores de musica.

Não o celebra a potestade da critica formal ou uma pretensa *elite* de mundanismo artistico? Que importa... Ainda isso não é o que me fornece maior motivo de estranheza em relação aos apaludos que devem ser consagrados ao alto merito do artista. O que me parece, principalmente, lamentavel é que só pelo facto de Alfredo Costa ser natural da capital do Norte, o não poupe certo baírrismo que devia ser exclusivo atributo das tristes desordens do «football» Lisboa-Porto.

SANTOS VIEIRA

Vida desportiva

Os seleccionados seguiram hoje para o estagio

Os seleccionados para o grupo representativo de Portugal, que deontará a selecção da Austria, no proximo domingo, no Estadio do Lima (Porto), seguiram hoje no topo da manhã, para o estagio.

O local escolhido para o efeito foi Talas da Saúde, um sitio agradável, que tem um bom hotel, e onde os jogadores estarão com o repouso de espirito necessario.

Hoje, seguiram no rapido os seguintes elementos: José Reis (Belenenses), José Simões (Belenenses), Jurado (Sporting), Rui de Azevedo (Sporting), Pedro Pincha (Sporting), Soeiro (Sporting), Mourão (Sporting), Gaspar Pinto (Benfica), Albino (Benfica), Vitor Silva (Benfica) e João Cruz (Vitória).

Gustavo Teixeira, que não pode seguir por causa dos seus afazeres profissionais, juntar-se-á aos seus companheiros provavelmente na proxima quinta-feira.

O lote dos internacionais completará-se-á no Porto com Soares dos Reis, Carlos Pereira, Artur de Sousa (Pinto), Nunes e Waldemar (tódos do F. C. do Porto).

Com os jogadores partiram também: o seleccionador nacional sr. Candido de Oliveira, o treinador adjunto sr. Artur José Pereira, o massagista sr. Dionicio Hipolito e o funcionario da Federação sr. Mario Santos, que tem a seu cargo a instalação da «equipe» nacional.

O sr. Candido de Oliveira, que presenciou o desafio Espanha-Austria, em Madrid, chegou ontem a Lisboa, a fim de acompanhar hoje os seus pupillos.

Hoje regressaram de Madrid os srs. dr. Virgilio Paula, director da Federação, e Mario Madeira, chefe da secretaria daquella organização.

O desafio Espanha-Austria

Os jornais são unanimes em reconhecer que o interesse á volta do Espanha-Austria só foi igualado pelo celebre desafio, também em Madrid, Espanha-Inglaterra.

Os titulos são significativos e demonstram o estado de espirito dos desportistas da vizinha nação:

«A «equipe» nacional sofre a primeira derrota internacional em terreno espanhol»; «Elzaguirra, o inimigo mais perigoso do onze espanhol».

«Rienzi» afirma que não conquistaram o triunfo por três razões. Primeiro, pela frágil actuação do trio defensivo; segundo, porque a chuva do segundo tempo amoleceu de tal modo o terreno que os espanhóis, meio rebentados pelo esforço produzido no primeiro tempo, não tiveram energias suficientes para a luta; e terceiro, porque o arbitro sr. Langenus se enganou

Não pode haver alguém de consciencia bem formada que não encontre em si uma inteira satisfação quando verifique que o mal, que, por fatalidade atinge os outros, é sentido e atentado por aqueles a quem cabe, por direito, impedir que esse sofrimento se mantenha ou desenvolva indeterninadamente.

O povo do nosso País, como de resto o de tantos outros, recebeu o embate e os efeitos da falta de trabalho, consequencia da evolução que abalou um Mundo todo.

Portugal numa fase de opressão, e combalido por tantos motivos de ordem politico-social, entrou no ressurgimento das suas nobres tradições, mercê duma honesta e inteligente administração. Coincidiu, mais ou menos, esta feliz transição com o grave e critico momento da razão principal que assegura a tranquillidade de um Povo: A falta dos meios de vida desse Povo, o Trabalho.

O que se tem feito para atenuar o mal

O Progresso, com os seus crescentes aperfeiçoamentos, os diversos aspectos de deficiencia economica e financeira, uma série, enfim, de razões que vão surgindo, tornaram as actividades inoportaveis dos braços que se cruzam inertes, ante a aflicção que se acentua gradualmente a perda das suas faculdades de trabalho primeiro, da moral pelo desespero consequente a seguir, da sua constituição fisica depois, a negar um direito á vida com o agravo das derivantes no futuro: a degeneração da Raça.

Os poderes publicos assoberbados com inúmeros problemas de importância capital, cujos estudos têm que preceder as respectivas realizações, haverão que os coordenar conforme a sua natureza e relacioná-los com as possibilidades de execução.

Estão certamente neste caso os males sociais que acabo de apresentar para os quais, como repressão, têm sido levadas a efeito tentativas com resultados animadores.

A brevidade de uma resolução definitiva é o impossivel que muitos não querem reconhecer e em especial os atingidos, pela obsessão justificada do desespero que os comete: Mas se considerarmos que a enfermidade de hoje é um reflexo do mal que de ha tanto tempo vinha a progredir enormemente, teremos de admirar a cura lenta e cautelosa e regosijarmos-nos com a idea de que nos sentimos tratados com atenção e honesto saber.

No meu artigo anterior, de referencia á Campanha de auxilio aos Pobres no Inverno, foiquei o Commissariado do Desemprego como um importante departamento do Estado, e hoje venho a considera-lo como sendo a unica organização que regula os auxilios que pode prestar aos necessitados de trabalho e Assistencia, distribuindo-os com equidade, para o que os seus serviços mantêm uma fiscalização completa e persistente.

Outros auxilios de variadas espécies são prestados por outras entidades, como sejam: Santa Casa da Misericórdia, Governo Civil, Juntas de Freguesia e agora a Campanha de Auxilio aos Pobres no Inverno.

Se não fôr estabelecido nestas distribuições uma referencia dos contemplados, poderá acontecer que a mesma pessoa acumule um beneficio em prejuizo de outras que dele poderiam também participar.

O Commissariado do Desemprego e a letra do Decreto que o rege na parte «Assistencia» não definem medidas de amparo quando na verdade se constata ser ai mais sensível o mal do que propriamente na parte da falta de trabalho.

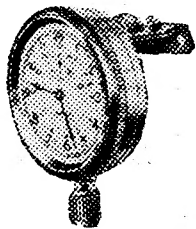
Não foi, porem, materia que passasse despercebida ao dirigente superior desse Organismo, que numa visão clara da missão importante e melindrosa que lhe incumbe, sentiu a eficiencia desse mal progressivo a dificultar os meios de ataque ao desemprego. E assim, existe no Commissariado do Desemprego, o auxilio de «Assistencia» aos desempregados por invalidez com caracteristicas interessantes que oportunamente, e depois de colhidos certos elementos indispensaveis, procurarei descrever no capitulo das medidas de socorro instituidas.

Sobre a parte do aspecto actual da crise propriamente, classificarei os necessitados pela ordem seguinte: Desempregados — Desempregados por Invalidez e Desempregados de Sempre.

MAXIMO

VISITANTE ILUSTRE

O fisico-quimico holandês M. Wattermann, que é uma das mais notaveis figuras científicas do seu país, e que se encontra em Lisboa, visitou esta manhã o Instituto Português de Oncologia, onde foi recebido pelos membros da comissão directora srs. professores Mark Athias, Henrique Pereira e dr. Benard Guedes.



Relogios para automoveis

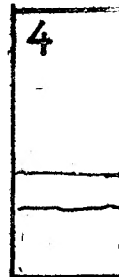
Garantidos e com preços muito baratos

TORROÃES

(relojoaria de confiança)

119 Rua da Prata 123

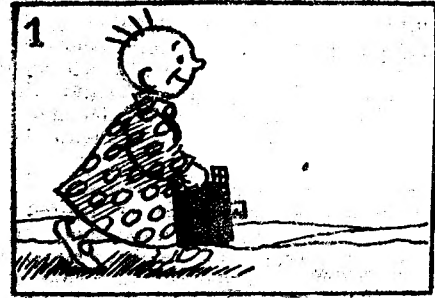
Telef. 2 4210

AS A
DO QUI—Mane
ter fotogra
—e vai fazII—Vê u
clista queIII—... ti
mento em
a velocidadeIV—Man
solichén...V—... diri
co revelarVI—...vê
lebre sabioAOS
Madeira
traplaga
Coelho, 63.

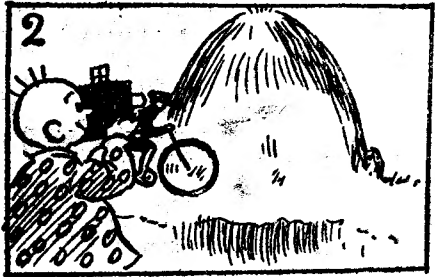
PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS

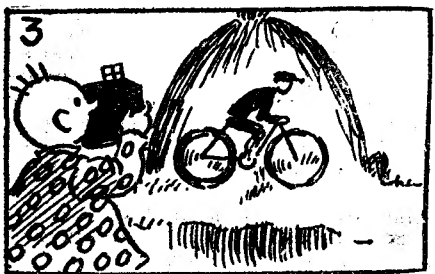
A morte do leão (Conto indio)



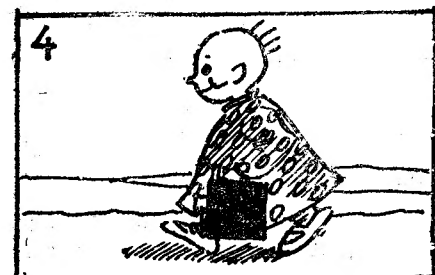
I—Manecas quer entrar para repórter fotografico do «Diário de Lisboa» e vai fazer tirocinio.



II—Vê um monte de palha e um ciclista que vai a passar e...



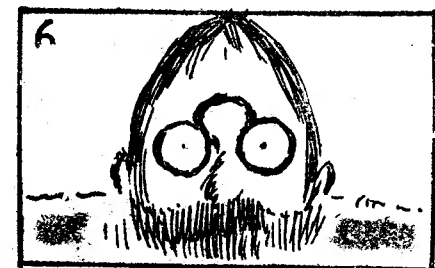
III—... tira um instantâneo, no momento em que o ciclista segue a toda a velocidade.



IV—Manecas volta ao jornal com o clichê...



V—...dirige-se á camera escura, e, ao revelar a chapa...



VI—...vê o que saiu: o retrato do velho sabio Roskoff...

AOS MARCENEIROS

Madeira especial para grades de contraplacagem. Vende-se. R. Eduardo Coelho, 63.

O rei Leão, á hora da morte, chamou o leãozinho, seu filho, e falou-lhe assim:

—Daqui a pouco, ficarás senhor dum grande reino. Não quero que chores lágrimas inúteis, mas que ouças os meus sábios conselhos.

Efectivamente, o príncipe leãozinho levava a pata direita, ao olho esquerdo, fingindo enxugar uma lagrima.

O rei moribundo continuou o seu discurso:

—Vais reinar sobre toda a bicharia que salta, rasteja, anda, voa e nada.

«Não te deixes deslumbrar pelo teu grande poder. Faze-te respeitar, sobretudo, pela justiça e sensatez. Não faças distinção entre grandes e pequenos. Dá tanta atenção á formiga como ao leopardo. Vive em paz com os vizinhos. Eu alimentei demais a guerra e isso não me imites. Segue sempre os conselhos do teu mestre elefante. E' velho, tem bom senso e peso. Se segures o que ele te aconselhar, farás a felicidade do teu povo e a tua, pois a melhor maneira de sermos felizes é espalhar o bem á nossa volta.

Depois de proferir estas palavras, o rei Leão deu o ultimo suspiro da sua vida.

O príncipezinho pensou, logo, consigo:

«Finalmente, vou reinar e satisfazer todos os meus caprichos».

—Agora—disse ele á mestre elefante—é preciso que mandes anunciar á todos os habitantes do nosso reino, a nova lei que vou estabelecer.

«Artigo unico—Todas as manhãs, um dos meus subditos virá ao palácio, para eu fazer dele o petisco desse dia. O elefante objectou, franzindo a tromba:

—Parece-me que esse artigo não concorda com as ultimas vontades de vosso defunto pai.

—Meu pai—respondeu o leãozinho—era um velho decrepito que não tinha dentes. Os meus são afiados e longos, querem carne fresca para roer. Manda immediatamente publicar a lei.

Por causa de um faval

Esta historia é muito antiga. Calculem os meus meninos que se passou no tempo em que os animais falavam e em que as favas eram raras!

Foi por isso que um certo lavrador rico ao mandou semear, recomendando ao seu criado Ian—que nome esquisito ele tinha!—para ter o maior cuidado com aquela planta.

Que não deixasse gente nem bicho comê-la, porque era um grande veneno! Tomará tal precaução, na idéa de evitar que lhe roubassem as preciosas favas que nunca haviam apparecido naquela terra. Ele proprio olhava pelo campo semeado, vigiando o crescimento do faval, na esperança de poder saborear aquele piteu.

Mas por causa duns negocios, teve de partir dali.

Não o fez sem recomendações ao criado Ian que ficava encarregado de zelar pelo faval.

O diabo tece-as e o lavrador, que só contava com uma viagem de pouca demora, teve de ficar ausente mais quinze dias. Entretanto, o criado, muito zeloso, viu que as favas haviam amadurecido dentro das vagens e que era ocasião azada para serem colhidas.

Tratou, pois, de o fazer e, ao vê-las tão apetitosas, a agua crescia-lhe na boca!

Mas o patrão dissera que elas continham veneno!—Se as comesse, era morte certa!...

Cada vez olhava com mais cubica as tenras favinhas, numa tentação diabolica.

E o caso é que a guloseima foi mais forte que tudo.

Ian não pdeu resistir!

Colheu uma porção, cozinhou-as e,

O elefante ainda titubeou:

—No entanto, a justiça...

—Qual justiça, nem meia justiça!... interrompeu o jovem rei.—Escusas de replicar! A justiça é uma velharia! Sou ou não sou rei de todos os animais? Entendo que devo governar assim, e não preciso de conselhos de ninguém!

Desolado, o elefante compreendeu que tinha de obedecer.

Foi o papagaio incumbido de ir pela floresta apregoar o decreto do rei.

Calcula-se bem a enorme consternação dos animais, ao saberem a triste nova dum lei tão dura!

No dia seguinte, o leão-rei, indolentemente, recostado numa cama de folhas macias, esperava a chegada da sua primeira vitima.

Sabia que a morte coubera á lebre, animal de carne saborosa.

Lambia os beiços á idéa daquela lei magnifica!

Mas já o sol ia alto, e comadre lebre não apparecia ainda!

Quando, por fim, chegou, era meio dia.

O rei rugiu:

—Fizeste-me esperar! Já tenho a barriga a dar horas! Um subdito fiel deve estar sempre a tempo para servir o seu principe.

—Mil desculpas, meu senhor.—respondeu a lebre.—Tenho muita pena de ter deixado em jejum vossa majestade até esta hora, mas se me demorei, foi exactamente por ser um servo muito dedicado.

—Essa agora!—resmungou o leão, agitando o rabo, com toda a furia.

—E' verdade, real senhor—tornou a lebre.—Um dos vossos primos queria, por força, engulir-me! Teimava que não tinha importancia nenhuma eu ser comida por ele, ou por vossa majestade. O que custou persuadi-lo que o meu dever era conservar-me viva, até vir á vossa real presença! Mas é preciso tomar providencias! Amanhã ele recomendará a mesma manobra! Continuará a querer devorar o subdito que fôr designado para o vosso almoço

a cada fava que comia, murmurava, maravilhado:

—Isto é que é um piteu! Mas vou cair para o lado! Dizem-me, Deus de Israel, como é que as favas têm fel, se são boas, como o mel?

Engulidas as favas, pôs-se de barriga para o ar, á espera que a morte o levasse.

De facto, sentia um torpôr e uma invencivel vontade de fechar os olhos.. Naturalmente era o anuncio que a morte se aproximava.

Ian cerrou, então, as palpebras, resignado ao castigo tremendo que o esperava e caiu num sono profundo, consequencia da digestão da pratalhada de favas que metera no bucho.

Ao acordar, o dorminhoco ficou espantadissimo, por se achar vivo.

E, então, não lhes digo mais nada!

Todos os dias; hoje uma pratada, amanhã, outra, o patife deu conto do apetecido faval, em pouco tempo.

Com a chegada do patrão, chegaram-lhe as aflições.

Agora, pela certa, é que ele não escapava.

A morte, que não lhe viera das favas, viria das mãos do dono.

Na verdade, quando o lavrador deu pelo desaparecimento das suas favas, ficou como doido!

E perguntava, furioso:

—Mas quem foi o animal que veio aqui ao faval?

Ao ver o patrão pegar num pau para o desancar, o servo exclamou, numa subita inspiração:

—Foi certo dia, quando eu dormia.

e lá fica vossa majestade a aguardar!

O rei, com a juba entufada e os dentes a ranger, exclamou, irado:

—Que dizes tu? Quem é esse meu primo tão insolente?

—E' um animal, tal qual vossa majestade e não se cansa de afirmar que é um leão!

—Tinha graça que não fôsse eu o unico leão do meu reino! Tu és capaz de me levar ao sitio onde está esse bruto que tem a audacia de se parecer comigo?

—E' facilimo! Sei perfeitamente onde fica a sua toca. Daqui a um quarto de hora estamos lá.

O rei dos animais, enquanto seguia a lebre, ia pensando consigo:

—E' muito simpatica esta lebrezinha! Apesar de saber que tem de ir parar-me ao bucho, vejamos como ela me serve, cheia de boa vontade!

Daí a pouco, chegaram a um grande poço.

A lebre recuou e disse ao leão:

—E' aqui. Foi neste antro que o tal animal se meteu, ainda agora, dizendo, cheio de basofia, que era um sitio onde vossa majestade nunca se atreveria a ir procurá-lo.

O leão inclinou-se na borda do poço. Ao vê-se reflectido na agua, julgou vê o seu inimigo.

—E' verdade! Tens razão!—exclamou.—Lá está ele no fundo deste buraco, a olhar para mim, com uns olhos furibundos! Mas, espera aí. Vais ver como a sua carranca não me mete medo!

E, ao acabar de proferir estas palavras, deitou-se ao poço... A agua fez: «plac!», espirrou á roda, depois, ficou serena. Nunca mais o leão foi visto!

Assim morreu, na flôr da idade, por ter desprezado a vontade do pai e os conselhos do seu mestre elefante.

Os animais pularam, guincharam, saltaram, radiantes, por se verem livres dum rei tão malvado e como o leão não tivesse deixado herdeiros, escolheram o elefante para rei e todos viveram felizes, governados por esse animal tão sabio e bondoso.

Burros passaram que aqui entraram. tudo comeram. tudo lamberram! Quando acordai, já nada achai!

Muito crêduo, o lavrador não pôs duvida nesta explicação e ele aí vai, em cata dos burros, a pedir-lhes contas das suas favas.

Ora, os animais tinham visto varias vezes o que Ian fizera e logo responderam, indignados:

—O' sê lavrador, você está enganado! Quem comeu as favas, foi o seu criado!

O lavrador não quiz ouvi-los e, como passava por ali um bruxo—era muito costume; nesse tempo, os bruxos andarem pelo mundo—ela pediu-lhe que castigasse aqueles animais que tanto mal haviam causado e, ainda por cima, culpavam um inocente.

O feiticeiro dirigiu-se, então, aos burros, neste termos:

—P'ra resolver a questão, vocês não mais falarão! Escusam assim de acusar um criado exemplar! Ou falarão, de maneira, que todos á vossa beira, não-de tapar os ouvidos. tontos com vossos bramiados! O povo chamará zurras, á linda fala dos burros!

Desde então, os burros passaram a zurrar, desabaladamente.

Os seus zurras dizem *ian!* como relembando o malvado, por causa de quem haviam perdido o dom da palavra!

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

nas
ica
orien-
ca-
ur-
nte-
que
hes-
plo-
co-
nou
as
pre-
lesa
isto
rvir

ra um
ship.
com
e devia
a Aus-
a San-

m, com
s quais
nhari-
alemão.
lota no
mentar
ra esse
do. Foi
s deste
ncarre-
râncês,
ar
e Galles
ie, com
sa, ele
ostumes

prolon-
ge caiu
rou em
o pro-
aquela
posa, a
amento
Clarane
este ter
família
to para
periodo,
esposa
princesa
e todos
tr o du-
lizou-se
u o her-
o futu-
vez toda
ordina-
dois ho-
pel de-
Europa.

central)

da
as

VEJA

como são cómicos e encantadores de arte os **numeros novos** estreados ontem no **COLISEU** e que se repetem hoje nas duas sessões de

"A ULTIMA MARAVILHA"

Enriquecem extraordinariamente a fantasia «A Última Maravilha» os numeros novos que se estrearam ontem, no Coliseu, com retumbante sucesso. Toda a gente que os fôr ver, ha de concordar que tem valor artistico para atrair de novo os que já admiraram a grandiosa fantasia na sua primeira fase. E' que estes numeros, sobre serem de irresistivel comicidade e de perturbador encanto, realçam ainda mais o deslumbramento e a riqueza de todos os maravilhosos quadros da peça que tão triunfalmente continua conquistando o agrado dos proprios estrangeiros. «O eunuco» do harem é uma rabula felicissima interpretada por Julio Martins; «O astrónomo» é das mais felizes criações cómicas de Pereira Saraiva; «Sales e Pimentas», por Pereira Saraiva e Julio Martins, é um desopilante dialogo que faz rir os mais sorumbaticos. Pflarry Sisters exibem os seus novos bailados, extraordinarios de beleza e de arte. Espectaculo que, finalmente, reúne a graça ao deslumbramento e que é o melhor e o mais barato da capital.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 45—«Tá Mar».
Avenida—A's 21 e 30—«Feira da Ladra».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Anima-te... Zé!»
Variedades—A's 20 e 30 e 23—«Coração de Alfama».
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«A Última Maravilha».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 às 0.
Capitolio—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Palácio—A's 21 e 30.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Paris—A's 20 e 45.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Jardim Cinema—A's 21 e 15.
Belém-Jardim—A's 21.
Promotora—A's 21.



RAPOSAS

ARGENTÊS, e outras. Estrangeiras e Nacionais.
V. Ex.^{as} não comprem sem vêr os preços da
PELARIA CONFIANÇA
Esta casa recebe tudo directamente
Confecciona na sua propria officina
Pelos, Malas, Carteiras e artigos de viagem
PELARIA CONFIANÇA—3, Rua da Palma, 3-A—Tel. 2 8157 — LISBOA

STADIUM

Publica amanhã mais um número magnifico.

A cinco dias do grande encontro Portugal-Austria
OUVINDO OS SELECCIONADOS
FÉ, ESPERANÇA... E OPTIMISMO!!!

A "turma" nacional, que defenderá o pavilhão das quinas no próximo domingo, no Porto

Interessante composição gráfica de Hermann

Entrevistas ao telefone!

Rui Carneiro tem o pontapé mais forte!!!

Notas ao sabor do tempo
A 2.ª jornada das Ligas.

Flagrantísimas e oportunas páginas gráficas

UM GRANDE NÚMERO DE
AMANHÃ **STADIUM**
HEMORROIDAL

O tratamento capaz de produzir alívios ás primeiras applicações são as fumigações de **Fumigatol**. Com elas se evita o emprego de pomadas, supositórios, banhos e operações. E' este o verdadeiro tratamento por fumigações, sendo de nenhum valor qualquer imitação, mesmo apresentada como estrangeira. **Acautelai-vos portanto com imitações** que só servem para vos ludibriar. Não deixeis que vos dêem por **Fumigatol** (preparado por Alvaro Sampaio, farmacêutico pela Escola de Farmacia de Lisboa), qualquer outro produto semelhante.

A' venda nas: Farmacia Cortez, Rua de S. Nicolau, 91; Farmacia Normal, Rua da Prata, 220. Vendas por grosso. Pestana, Branco & Fernandes, Rua dos Sapateiros, 39, 1.º e E. d'Andrade Lda, Rua da Madalena, 225, 1.º

Caixa de 24 fumigações 20\$00
Caixa de 12 fumigações 12\$00

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

5 dias em Madrid

A C. P., no intuito de permitir uma estadia agradável em Madrid, sem preocupações de alojamento, criou bilhetes de Lisboa e Porto a Madrid e volta, compreendendo 5 dias de pensão completa nos hotéis abaixo indicados, que oferecem todas as comodidades modernas, aos preços seguintes:

Hospedagem no Grande Hotel Londres-Galido, 2—entre a Puerta del Sol e a Gran Via:

De Lisboa, comboio em 1.ª classe Esc. 650\$00; em 2.ª classe, Esc. 540\$00.

Do Porto, comboio em 1.ª classe Esc. 700\$00; em 2.ª classe, Esc. 580\$00.

Hospedagem no Hotel-Pensão Móra Pasco del Prado, 32.

De Lisboa—Comboio em 2.ª classe Esc. 500\$00.

Do Porto—Comboio em 2.ª classe, Esc. 540\$00.

Consultem-se os cartazes afixados nas estações.

Bilhetes á venda: em Lisboa nas Informações da Estação do Rossio, no Porto na Estação do Porto.

A's pessoas residentes fóra de Lisboa e Porto que queiram utilizar-se destes bilhetes, é concedida a redução de 45 0/0 na viagem para a estação em que se efectuar a ligação com o comboio para Madrid e vice-versa. Dirigir-se á Delegação para o turismo —Estação do Rossio, 1.º andar—Telefone 2 4146.

RIPOLIN



A melhor tinta para pintura
sem receio de contestação
ou confronto
Exigir a marca registada

Caminhos de Ferro Portugueses

Feira de Vila Viçosa

Por ocasião da feira de Vila Viçosa nos dias 29 e 30 do corrente, a C. P. estabelece um serviço especial, com bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, válidos para a ida de 27 a 30, e para a volta até 18.

FEIRA DE LEIPZIG, PRIMAVERA 1936

COMEÇA EM 1 DE MARÇO

60 % de Redução nos Caminhos de Ferro Alemães

Todas as informações dá o:

REPRESENTANTE HONORARIO:

A. SCHMIDT, LISBOA

Praça dos Restauradores n.º 13

Telef. 2 5757

Adr. telegr. GOMA

ou o:

Leipziger Messamt / Leipzig / Deutschland

M. ROSENSTEIN

126 - Rua da Palma - LISBOA

Tel. 2 3668

Lamina **ROSEN-GOLD** a MELHOR DO MUNDO

GARANTIDA EM ABSOLUTO

Cada pacote com 10 laminas e brinde 7\$50.

A' cobrança sem mais despesas Cada lamina 1\$00

Boquilha **STANDINE-NICOTE** num estojo com vinte filtros 10\$00

Modelo pequeno com 10 filtros, 6\$00

A boquilha que mais defende a garganta e pulmões

Representantes exclusivos **M. ROSENSTEIN**—126, Rua da Palma—LISBOA

Colossal sortido de QUINQUILHARIAS E MIUDEZAS

Grandes descontos aos Revendedores



NÃO PAGUE
a Magoesia Bismutada
TÃO CARA
Adopte desde já a da **Química Luso-Alemã, L.ª**. A mais pura e a que melhor convem ao vosso **Estomago**. Acidez estomacal, vontade de vomitar, sensações de pesadume e enxaquecas dispensam-se, tomando depois da comida uma pequena dose de **Magnesia Bismutada "Adeus Dor"**, frasco, 10\$00

Quer a sorte grande?
Nabine-se na tabacaria **MADRID**
Rua do Mundo, 115



dade regulavel. Anti-fading perfeitissimo.

Os receptores Körting não são propriamente os aparelhos de T. S. F.; São instrumentos musicais de inigualavel beleza sonora

Modelos desde Esc. 3.400\$00 a 6.400\$00

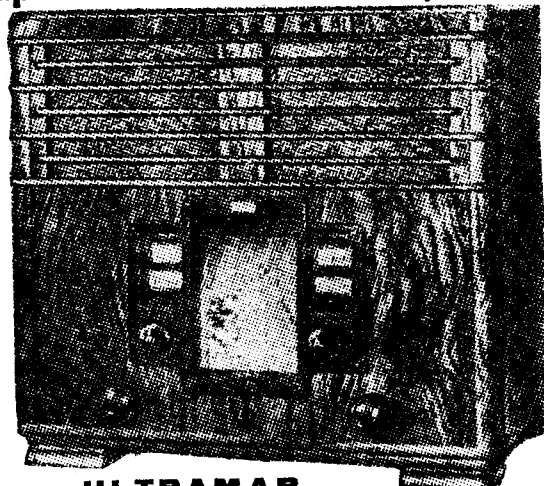
Representante:

Schütte & C.ª, Lt.ª

Rua da Vitoria, 53, 3.º — Telef. 2 1945 — LISBOA

A grande marca alemã

Os melhores aparelhos de T. S. F. europeus



ULTRAMAR

11 valvulas, 24 watts, 2 alto-falantes
Corrente alterna Esc. 5.200\$00